

CONCURSO

**MUSEU
DE ABRIL
E DOS VA-
LORES UNI-
VERSAIS
(MAVU)**

0A > SRLVT



CONCURSO

MUSEU DE ABRIL E DOS VALORES UNIVERSAIS (MAVU)

PROMOTOR
> **MUNICÍPIO DE SANTARÉM**

ASSESSORIA TÉCNICA
> **OA - SECÇÃO REGIONAL LISBOA E VALE DO TEJO.**

Sinopse

O Município de Santarém pretende proceder à requalificação de edifícios sitos nas antigas instalações da Escola Prática de Cavalaria de Santarém (uma das sedes do movimento militar que, em 1974, repôs a democracia em Portugal) para instalação do Museu de Abril e dos Valores Universais (MAVU).

A intervenção visa, por um lado, criar condições para a musealização do acervo a constituir e, por outro, projetar Santarém como uma cidade cultural, oferecendo-lhe a devida visibilidade, nas diversas escalas do território, observando a indubitável transversalidade dos valores de Bem Comum, da Democracia, da Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

O MAVU não se limitará a ser um importante polo expositivo, mas pretende constituir-se como um centro decisivo na defesa e difusão dos valores da Liberdade, dos Direitos Humanos e do Desenvolvimento Cultural, gerando e divulgando ações de formação e educação, associadas a novas dinâmicas de desenvolvimento e a novas rotas de turismo cultural.

Júri

Dr. Carlos Coutinho, diretor do Departamento de Educação, Cultura e Desenvolvimento Social da C. M. de Santarém, que preside
Arq^o Pedro Gouveia, diretor do Departamento Técnico e Gestão Territorial da C. M. de Santarém
Arq^a Catarina Pires, chefe da Divisão de Projetos Estratégicos da C. M. de Santarém
Arq^o João Herdade, indicado pela Direção-Geral do Património Cultural
Arq^o Tiago Filipe Santos, indicado pela Secção Regional de Lisboa e Vale do Tejo da Ordem dos Arquitectos

Prémios

1^o Prémio: € 15 000,00
2^o Prémio: € 7 500,00
3^o Prémio: € 5 000,00

Data de publicação

Julho 2021

Valor base

€ 370.000,00 + IVA

Estimativa de custo de obra

€ 7.400.000,00 + IVA

1º classificado

Concorrente: X Atelier

Coordenação: Ana Raquel Lopes dos Santos

2º classificado

Conc.: Beatriz de Una Boveda + Worrell Yeung

Architecture PLLC

Coord.: Beatriz de Una Boveda

3º classificado

Conc.: Lima & Paixão - Gestão e Projetos, LDA

Coord.: Jorge Manuel Lopes Paixão

4º classificado

Conc.: Vitor Manuel Dos Santos Oliveira

Coord.: Margarida Amial

5º classificado

Conc.: Rosmaninho & Azevedo, Lda

Coord.: Pedro Azevedo

6º classificado

Conc.: Genera

Coord.: Cláudia Patricia Rufino Pedroso

7º classificado

Conc.: Reis de Figueiredo - Arquitectos da Beira

Coord.: Carlos Reis de Figueiredo

Esta proposta para a conceção do museu de Abril e dos valores universais (MAVU), surge da reinterpretação do lugar onde se insere, potenciando o reconhecimento deste local enquanto lugar de referência na cidade, quer pela presença de um novo equipamento com arquitetura singular, quer pelo espaço público requalificado.

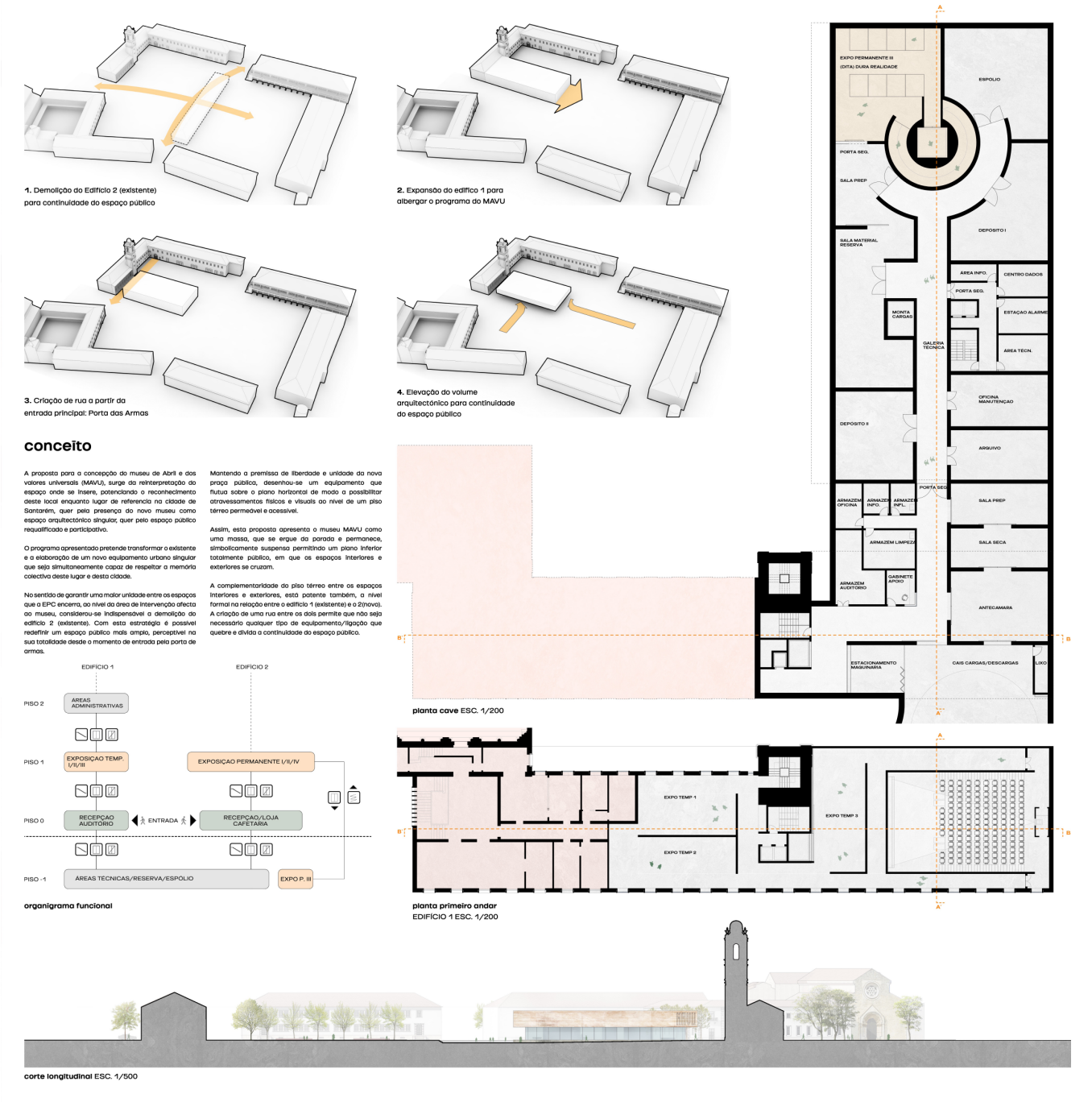
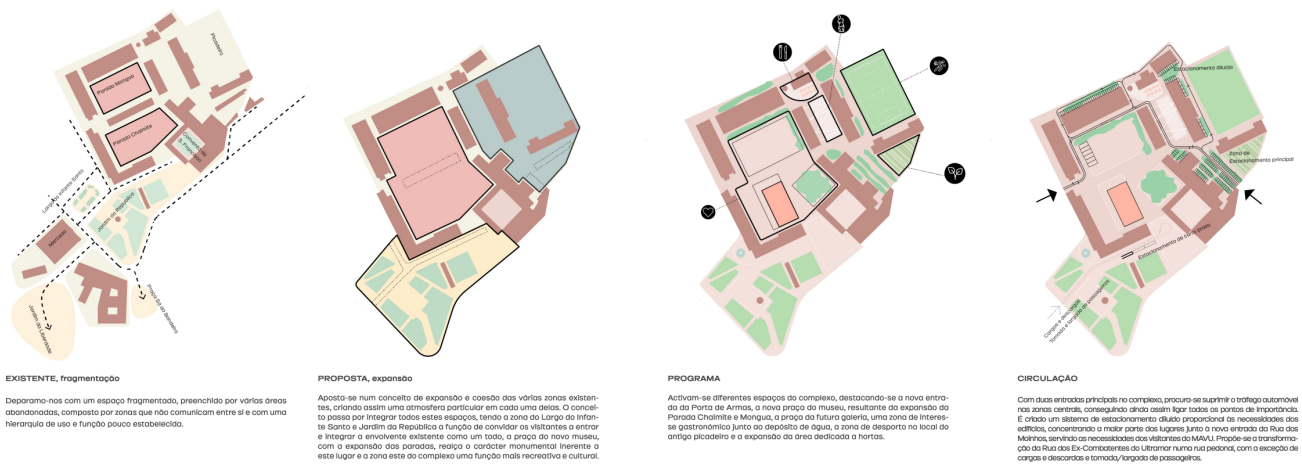
Procurou-se então desenvolver o programa para a ativação deste lugar como um todo seguindo o conceito de expansão e coesão das várias zonas existentes. Identificaram-se três áreas com potencial distinto: a entrada principal do complexo, materializada pela Porta de Armas; no centro as paradas militares Chaimite e Mon-gua e a nascente uma zona com atividades de cariz mais informal onde se situam o picadeiro, o depósito de água, o edifício pertencente à futura galeria e as hortas urbanas. Paisagisticamente, a proposta passa por integrar estas zonas: a primeira assume a função de convidar os visitantes a entrar compondo a envolvente como um todo; a segunda com a expansão das paradas realça o carácter monumental inerente a este lugar e a terceira apresenta uma função mais recreativa e cultural.

Na área de intervenção destinada ao museu, considerou-se indispensável a demolição do edifício 2 (existente) garantindo a expansão e unidade espacial. Esta estratégia foi determinante na definição do espaço público como um lugar amplo, livre, e perceptível na sua totalidade desde o momento de entrada pela Porta de Armas.

Neste sentido, o museu MAVU apresenta-se como uma massa arquitetónica que se ergue da parada Chaimite, e ali permanece, suspensa, permitindo usufruto de um piso térreo totalmente público, pertencente à cidade, em que os espaços interiores e exteriores se fundem.

A complementaridade formal da relação entre o edifício 1 e o edifício 2 (novo) surge da criação de uma “rua”, eixo, que reforça o momento da entrada ao longo de um percurso arquitetónico que permite reconsiderar a necessidade de uma galeria coberta pedonal uma vez que a sua existência quebra e divide a monumentalidade deste espaço.

Para além disso, esta proposta cria um gesto plástico contínuo de diálogo com a envolvente numa estratégia de preservação da memória coletiva do lugar, delineado uma nova praça através da valorização de elementos arquitetónicos presentes. Simbolicamente rebaixada, esta acomodará uma série de atividades e eventos urbanos estabelecendo-se como um novo espaço social e participativo da cidade.





programa

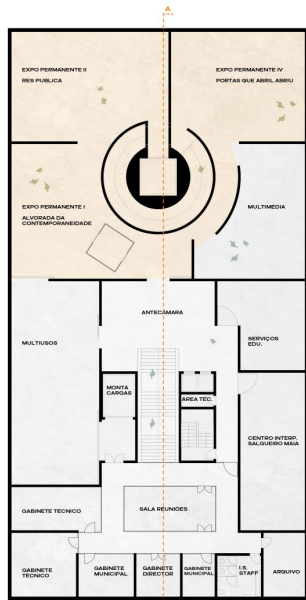
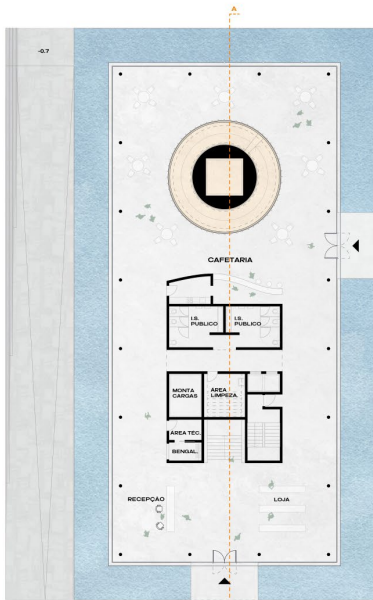
A organização espacial do programa apresentado está fundamentada no leito de que os pisos térreos, tanto no edifício 1 como no edifício 2, são pisos públicos e de acesso livre garantindo a fluidez dos percursos pedestais ao nível da praça. Embora o edifício 1 (existente) e o edifício 2 (novo) estejam aparentemente separados, estes funcionam de forma complementar e em conjunto abrigam todo o programa requisitado para o MAVU.

Reiterando a ideia de um piso térreo amplo e transitável, público e acessível, determinou-se a localização das funções de carácter mais público e lúdico ao nível do rés-do-chão e situam-se as áreas destinadas às exposições, de acesso condicionado, no piso superior. Desta modo o visitante pode aceder livremente à loja para comprar livros, à cafeteria para fazer pesquisas no centro de documentação sem necessidade de apresentar o bilhete para as exposições. Com isto, contribui para que o museu seja um equipamento que viva para além das visitas às exposições e, neste contexto, seja compreendido como um lugar de referência e de encontro na cidade de Santarém.

O piso térreo torna-se, portanto, de carácter público e apropriado ao espaço exterior garantindo a permeabilidade e fluidez dos percursos, condição essencial da proposta.

Neste contexto, surgem então agrupadas as espaços de carácter administrativo. No edifício 1 estas áreas ocupam um terreno plano surge do aproveitamento existente do volume da cobertura, enquanto que no edifício novo, estão situadas no piso do museu sendo garantido o acesso restrito do pessoal autorizado.

Ao nível do subsolo, e conforme solicitado, desenvolve-se uma galeria subterrânea onde se situam as áreas técnicas e as áreas de reserva e apoio, inseridas num perímetro com a capacidade de estacionamento de segurança, onde só é permitido o acesso a pessoal especializado. Na cave são efetuadas as cargas/descargas do material, que, após rigorosa e validação administrativa seguem para armazenamento ou para área de segurança (reserva, espólio e depósitos), somente acessível ao pessoal autorizado distinguindo as áreas técnicas das áreas onde estarão presentes os obras de arte. Garantindo, com este planeamento, o acesso técnico diferenciado.



planta primeiro andar
EDIFÍCIO 2 ESC. 1/200

cobertura ajardinada
em sistema leve

laje estrutural em betão
aparente pigmentado
parede dupla de betão talpa
com isolamento térmico pelo
interior

pavimento em betão
afogado

sistema de correr em
colúmnas minimalista
vidro duplo laminado

espelho de água com banda
infinita

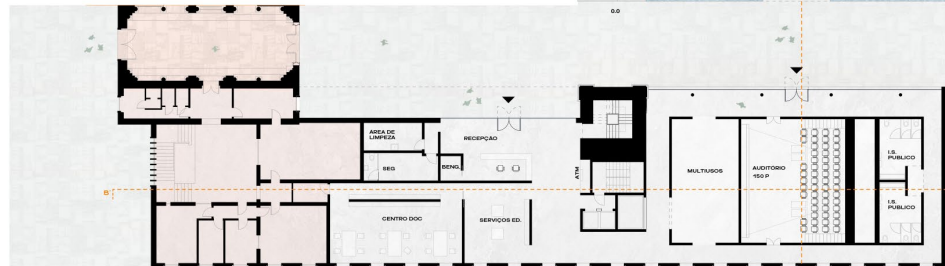
pavimento exterior em
lajotas de
granito
parede dupla de betão
estrutural com isolamento
térmico tipo walmate pelo
interior

terra batida

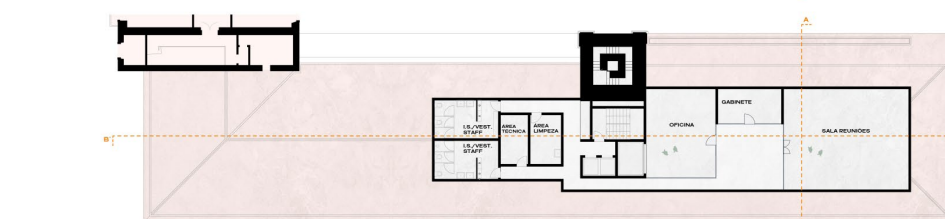
tubo de dreno

sapato em betão estrutural
betão de limpeza
solo/terra

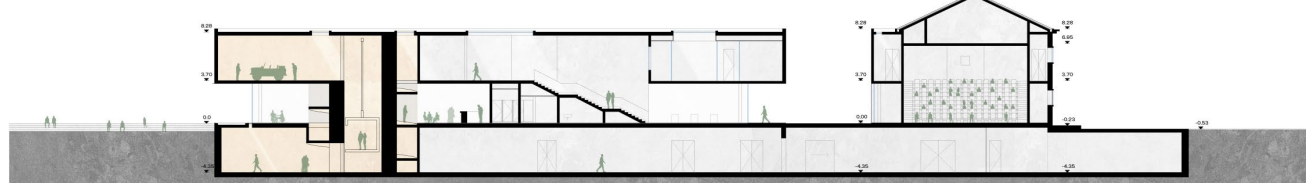
corte EDIFÍCIO 2 ESC. 1/75



planta R/C ESC. 1/200



planta segundo andar EDIFÍCIO 1 ESC. 1/200



corte A - A' ESC. 1/200

2º CLASSIFICADO

CONCORRENTE
BEATRIZ DE UNA BOVEDA
WORRELL YEUNG ARCHITECTURE PLLC

COORDENAÇÃO
BEATRIZ DE UNA BOVEDA

A nossa proposta para o MAVU prevê um lugar de diálogo e encontro que proporciona o ensino sobre a conquista histórica da Revolução do 25 de Abril, e que ao mesmo tempo celebra as profundas transformações democráticas ocorridas há 47 anos - a nível político, económico, social e cultural - que mudaram para sempre o futuro de Portugal. O museu assume o papel de conector físico e simbólico que preserva o significado cultural do lugar e sintetiza referências históricas com o objetivo de criar uma instituição contemporânea e inovadora para as gerações vindouras.

Aberto e cativante, o museu convida o público, individual e coletivamente, a reunir-se para comemorar as conquistas do passado e as potencialidades do futuro. Distinta dos edifícios vizinhos, a nossa intervenção insere-se confortavelmente no complexo histórico, proporcionando um novo espaço e um limiar entre a Parada “Chaimite” e a Parada “Mongua”. O civismo do edifício é expressado através da sua arcada aberta, enquanto elementos de betão e pátios abertos medeiam entre o exterior e o interior e criam uma série de espaços dentro de cada edifício.

Os edifícios históricos do Mosteiro da Santa Trindade e da Redenção dos Cativos de Santarém criam atualmente uma condição de pátio isolado. A nossa proposta visa a abrir e convidar o público para a praça. Frente a paisagem histórica urbana de Santarém, a

antiga Parada Chaimite é transformada de um espaço indiferenciado para um novo pátio público aberto ao convite individual e comunitário. Com entrada pela Porta de Armas, a praça formal de Chaimite é definida por novas fachadas contemporâneas do Edifício 1 e Edifício 2. No meio, dois grandes pátios criam novos espaços ao ar livre e proporcionam um alívio à praça abundantemente pavimentada com pedra calcária. A implementação de um novo jardim amplo, em desnível, permite criar um espaço social exterior dedicado à vegetação para contrastar e complementar a paisagem circundante.

Trabalhando com uma infinidade de edifícios históricos fisicamente separados, o nosso projeto para o museu procura criar um conjunto coeso que estabelece uma composição nova e reconhecível dentro da cidade, experienciada no Chaimite.

A nossa proposta para o MAVU prevê um diálogo e encontro que proporcione o ensino sobre a conquista histórica da Revolução de 25 de Abril, e que ao mesmo tempo queprofunda as profundas transformações democráticas ocorridas há 47 anos – a nível político, económico, social e cultural – que mudaram para sempre o Portugal de hoje. O museu assume o papel de construtor social e símbolo que promove a cultura e o desenvolvimento cultural, e pretende ser uma das ferramentas com o objetivo de criar uma instituição contemporânea e inovadora para as gerações vindouras.

Aberto e cativante, o museu convida o público, individual e coletivamente, a reunir-se para comemorar as conquistas do passado e as potencialidades do futuro. Distanciando dos edifícios viciados, a nossa intervenção merece ser confortavelmente no contexto histórico, proporcionando um novo espaço e um limiar entre o passado e o futuro. Para isso, o projeto prevê o sistema reflexivo e a expressão através da sua arcaada sobre elementos de betão e pilões abertos mediam entre o exterior e o interior e cria uma série de espaços dentro de cada edifício.

Os edifícios históricos do Mosteiro de Santa Trindade e da Redenção dos Cativos de Santarém criam atualmente uma condição de pátio isolado. A nossa proposta visa a abrir e convidar o público para a praça. Frente a paisagem histórica urbana de Santarém, a antiga Parada Chameite é transformada de um espaço indiferenciado para um novo pátio público aberto ao convívio individual e comunitário. Com entrada pela Porta de Armas, a praça formal de Chameite é definida por novas fachadas contemporâneas do Edifício 1 e Edifício 2. No meio, dois grandes pátios criam novos espaços ao ar livre e proporcionam um alívio à praça abundantemente pavimentada com pedra calcária. A implementação de um novo jardim amplo, em desnível, permite criar um espaço social exterior dedicado à vegetação para contrastar e complementar a paisagem circundante.

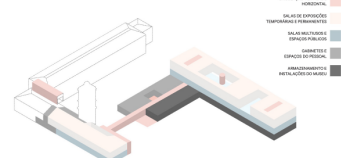
Trabalhando com uma infinidade de edifícios históricos fustigamente separados, o museu tem o projeto para o museu procura criar um conjunto coeso que estabeleça uma composição nova e reconhecível dentro da cidade, experienciada no Chamará. Conhecendo na Parca das Armas, este importante ponto de entrada a como um limiar distinto para o próprio museu. Conhecido como um portal mínimo de beleza justaposto à arquitetura histórica, o portal é a primeira das várias linhas arquitetônicas e vivenciadas em todo o museu. Os visitantes passam por um grande portal portuário e se encontram com uma galeria, calando a câmera enquanto caminham para o lado direito. A história histórica da antiga guerra da Trindade ergue-se adjacente à nova fachada do Edifício 1. Uma nova entrada ampla junta o visito assinala o acesso ao público e estabelece um momento exterior contendo os visitantes aos espaços de exposições temporais.

O novo Edifício 2 é inspirado no edifício existente e reutiliza o seu traço para realçar a sua história, mas adaptando-se às necessidades do novo museu. O edifício é um exemplo de como o antigo pode ser usado e o edifício é erguido a partir do seu traço para criar uma arcada aberta e contínua das praças Chamará e Mongua. Uma série de vazios externos são esculpidos para criar espaços ao ar livre, oferecendo uma variedade de zonas abertas que o público pode experienciar dentro do museu.

Para comunicar os ideais de universalidade, atemporalidade e igualdade de forma apropriada, o projeto propôs a disposição e configuração dos espaços das galerias de modo a que estes tenham uma presença presente em ambos os edifícios.

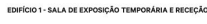
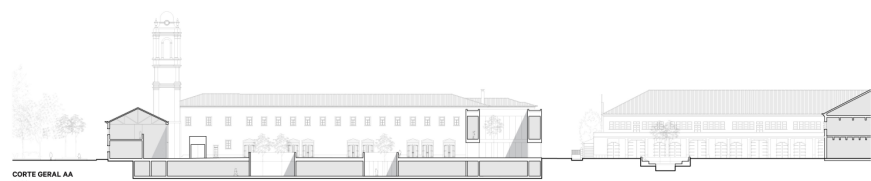
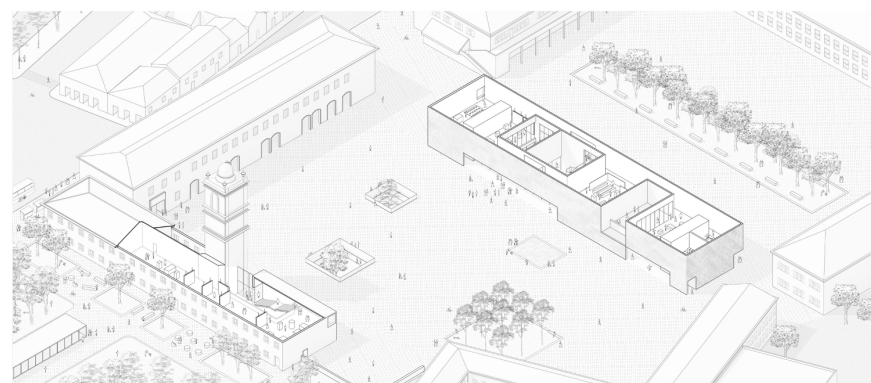
O Edifício 14 projectado com um piso térreo dedicado a uma ampla zona de entrada principal adjacente ao auditório e a sala multiuso juntamente com os espaços administrativos auxiliares. O auditório e acessível a todos os níveis, estando directamente à Praça Chamé. No andar de cima, um espaço aberto e flexível oferece uma área generosa para exposições temporárias, comissões especiais, performances e instalações em grande escala.

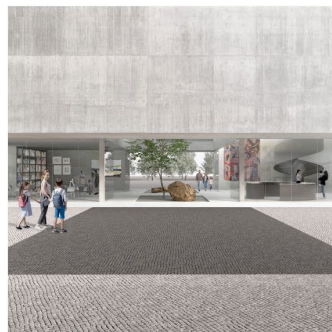
No Edifício 2, as funções públicas são organizadas em dois níveis. O rés-do-chão conta com uma zona de entrada principal que recebe, tal como a zona de entrada do Edifício 14, a entrada principal do Edifício 2 está centralmente localizada e tem acesso a partir de vários pontos de vista da Chamé e Morgue.



ORGANIGRAMA FUNCIONAL

Terra da fraternidade
O povo é quem mais ordena
Dentro de ti, ó cidade
Em cada esquina, um amigo
Em cada rosto, igualdade
À sombra duma azinheira
Que já não sabia a idade





EDIFÍCIO 2 - ENTRADA PRINCIPAL



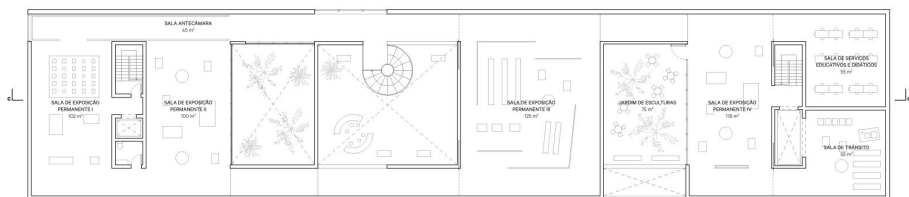
EDIFÍCIO 2 - RECEÇÃO



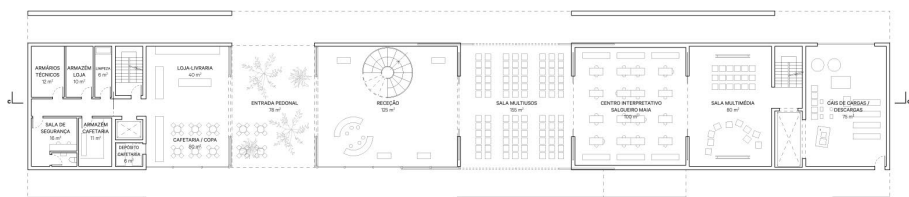
EDIFÍCIO 2 - SALA DE EXPOSIÇÃO PERMANENTE II



EDIFÍCIO 2 - SALA DE EXPOSIÇÃO PERMANENTE IV



EDIFÍCIO 2 - PLANTA PRIMEIRA
1:200



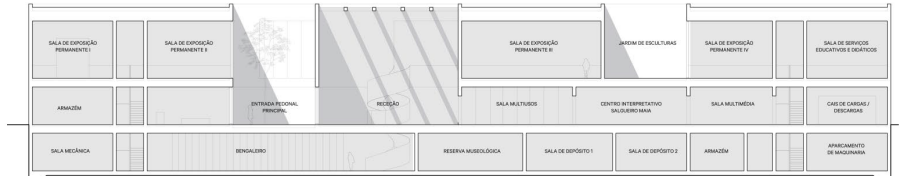
EDIFÍCIO 2 - PLANTA BAIXA
1:200



EDIFÍCIO 2 PLANTA SUBTERRÂNEA/ GALERIA DE LIGAÇÃO
1:200



EDIFÍCIO 2 PLANTA SUBTERRÂNEA/ GALERIA DE LIGAÇÃO
1:200



CORTE CC
1:200



VISTA DO EDIFÍCIO 2 A PARTIR DA PARADA CHAIMITE

3º CLASSIFICADO

CONCORRENTE
LIMA & PAIXÃO - GESTÃO E PROJETOS, LDA

COORDENAÇÃO
JORGE MANUEL LOPES PAIXÃO

A proposta de intervenção que se apresenta incide particularmente ao nível da área definida como área afeta ao MAVU (Porta de Armas, Edifício 1, Edifício 2 e Parada Chaimite) mas implica também uma intervenção na área envolvente, nomeadamente nos acessos viários e pedonais de acesso ao interior daquele recinto e ao nível da criação de zonas de estacionamento.

Genericamente, a formalidade do conjunto que constitui o edificado existente é mantida, com as duas Paradas Chaimite e Mongoa enquadradas por edifícios de características semelhantes entre si e que se mantêm inalterados. A divisão entre as duas Paradas é feita pelo Edifício 2 que, ainda que seja alvo de demolição total e posterior construção nova, mantém, de um modo geral, a sua implantação.

A área afeta ao MAVU terá uma intervenção mais profunda, contando com a transformação dos edifícios existentes em espaços museológicos que se relacionam entre si. Os espaços exteriores na restante área de intervenção serão trabalhados e reajustados de forma a conceder a articulação necessária entre todos os elementos do conjunto edificado que compõem a área de intervenção.

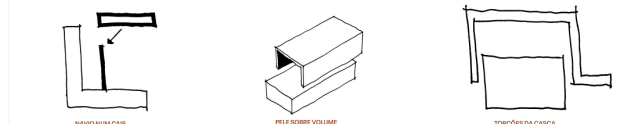
Havendo, desde logo, uma separação física dos dois edifícios do MAVU, o objetivo da proposta passa pela articulação entre eles de forma a que funcionem como um único espaço museológico. O conceito que está

na base ideológica da proposta é a leitura do conjunto como um “navio atracado ao cais”, transpondo estes três elementos para, respetivamente, o Edifício 2 com a Galeria de ligação ao Edifício 1, tendo como base de agregação a Parada Chaimite.

Das edificações devolutas que integram a área de intervenção, prevê-se a recuperação dos edifícios localizados em redor do Picadeiro Jeune France, bem como o próprio picadeiro, dotando-os de condições de utilização para fins relacionados com os serviços museológicos ou outros que se integrem naquele conjunto. De modo a permitir o acesso viário dos visitantes e funcionários ao local, propõe-se a requalificação da entrada viária pela Rua dos Moínhos, com um acesso novo proveniente da rotunda na Avenida Gago Coutinho e Sacadura Cabral, contando com uma nova ligação para a Rua dos Moínhos.

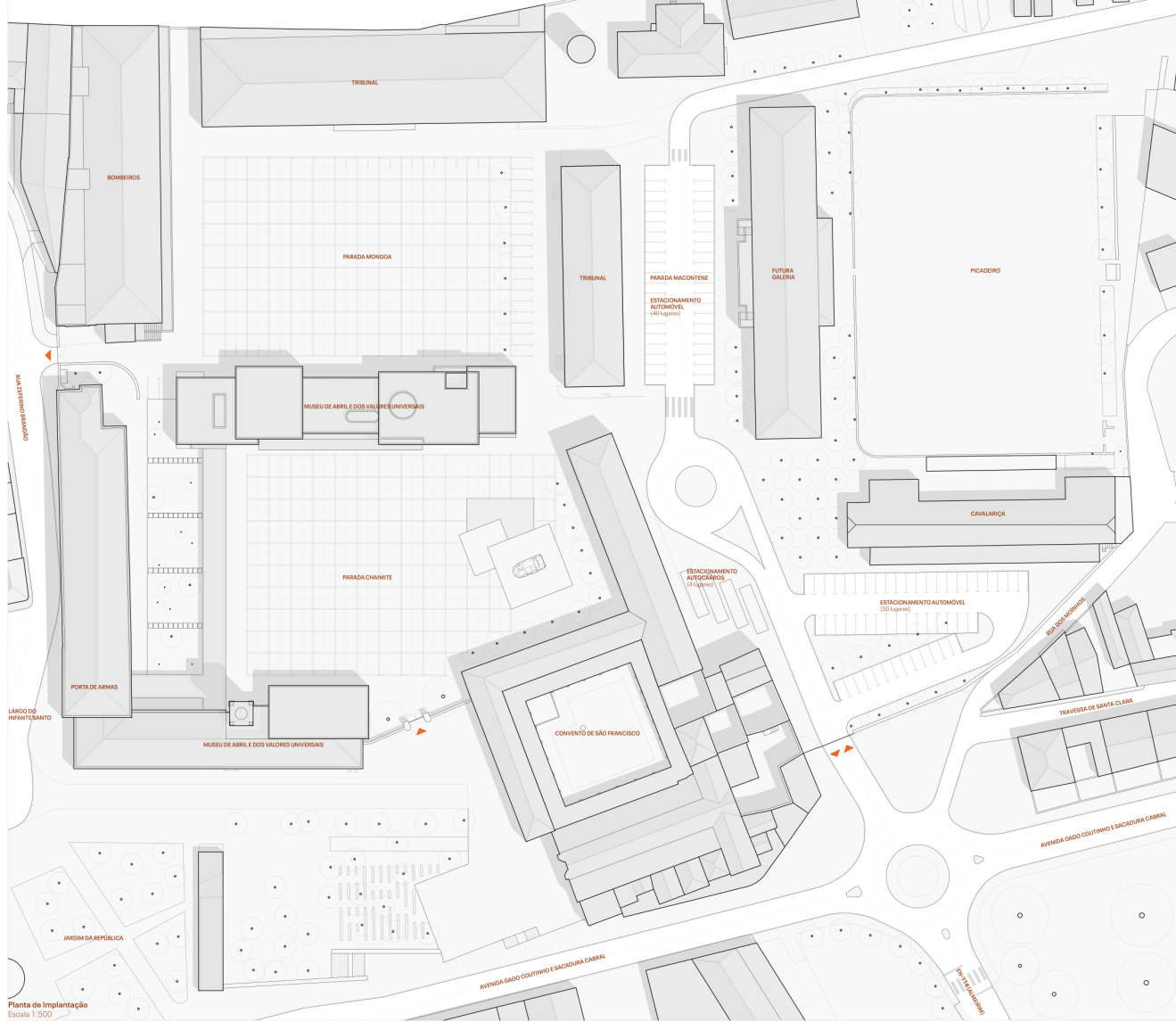


Imagem virtual - "Museu de Abril e dos Valores Universais" (MAVU)



Esquemas conceituais

Desenhos a mão levantada



Planta de Implantação

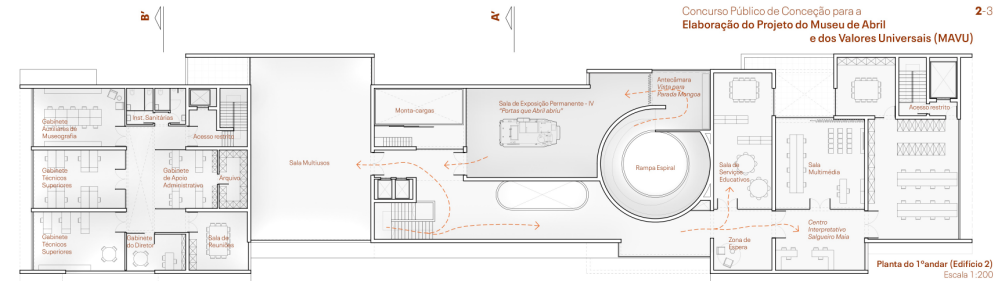
Escala 1:500

Concurso Público de Concepção para a Elaboração do Projeto do Museu de Abril e dos Valores Universais (MAVU)

O presente estudo refere-se à solução preconizada para o Projeto do Museu de Abril e dos Valores Universais a levar a efeito no município de Santarém e que se apresenta a concurso. O esboço sobre o qual se intervém trata-se do conjunto edificado que constitui a antiga Escola Prática de Cavalaria e que se pretende requalificar para as futuras instalações do Museu de Abril e dos Valores Universais (MAVU). A proposta de intervenção que se apresenta incide particularmente ao nível da área definida como área afeta ao MAVU (Porta de Armas, Edifício 1, Edifício 2 e Parada Chaimite) mas implica também uma intervenção na área envolvente, nomeadamente nos acessos viários e pedonais de acesso ao interior daquele recinto e ao nível da criação de zonas de estacionamento. Genericamente, a formalidade do conjunto que constitui o edificado existente é mental, com as duas Paradas Chaimite e Monga enquadradas por edifícios de características semelhantes entre si e que se mantêm inalterados. A divisão entre as duas Paradas é feita pelo Edifício 2 que, ainda que seja alvo de demolição total e posterior construção nova, mantém, de um modo geral, a sua implantação. A área afeta ao MAVU terá uma intervenção mais profunda, contando com a transformação dos edifícios existentes em espaços museológicos que se relacionam entre si. Os espaços exteriores na restante área de intervenção serão trabalhados e reajustados de forma a conceder a articulação necessária entre todos os elementos do conjunto edificado que compõem a área de intervenção. Havendo, desde logo, uma separação física dos dois edifícios do MAVU, o objetivo da proposta passa pela articulação entre eles de forma a que funcionem como um único espaço museológico. O conceito que está na base ideológica da proposta é a leitura do conjunto como um "navio atracado ao cais", transpondo estas três elementos para, respetivamente, o Edifício 2 com a Galeria de ligação ao Edifício 1, tendo como base de agregação a Parada Chaimite. Das edificações devolutas que integram a área de intervenção, prevê-se a recuperação dos edifícios localizados em redor do Picadeiro Juazeiro Franco, bem como o próprio picadeiro, dotando-os de condições de utilização para fins relacionados com os serviços museológicos ou outros que se integram naquele conjunto. De modo a permitir o acesso viário dos visitantes e funcionários ao local, propõe-se a requalificação da entrada viária pela Rua dos Moinhos, com um acesso novo proveniente da rotunda na Avenida Gago Coutinho e Sacadura Cabral, contando com uma nova ligação para a Rua dos Moinhos.

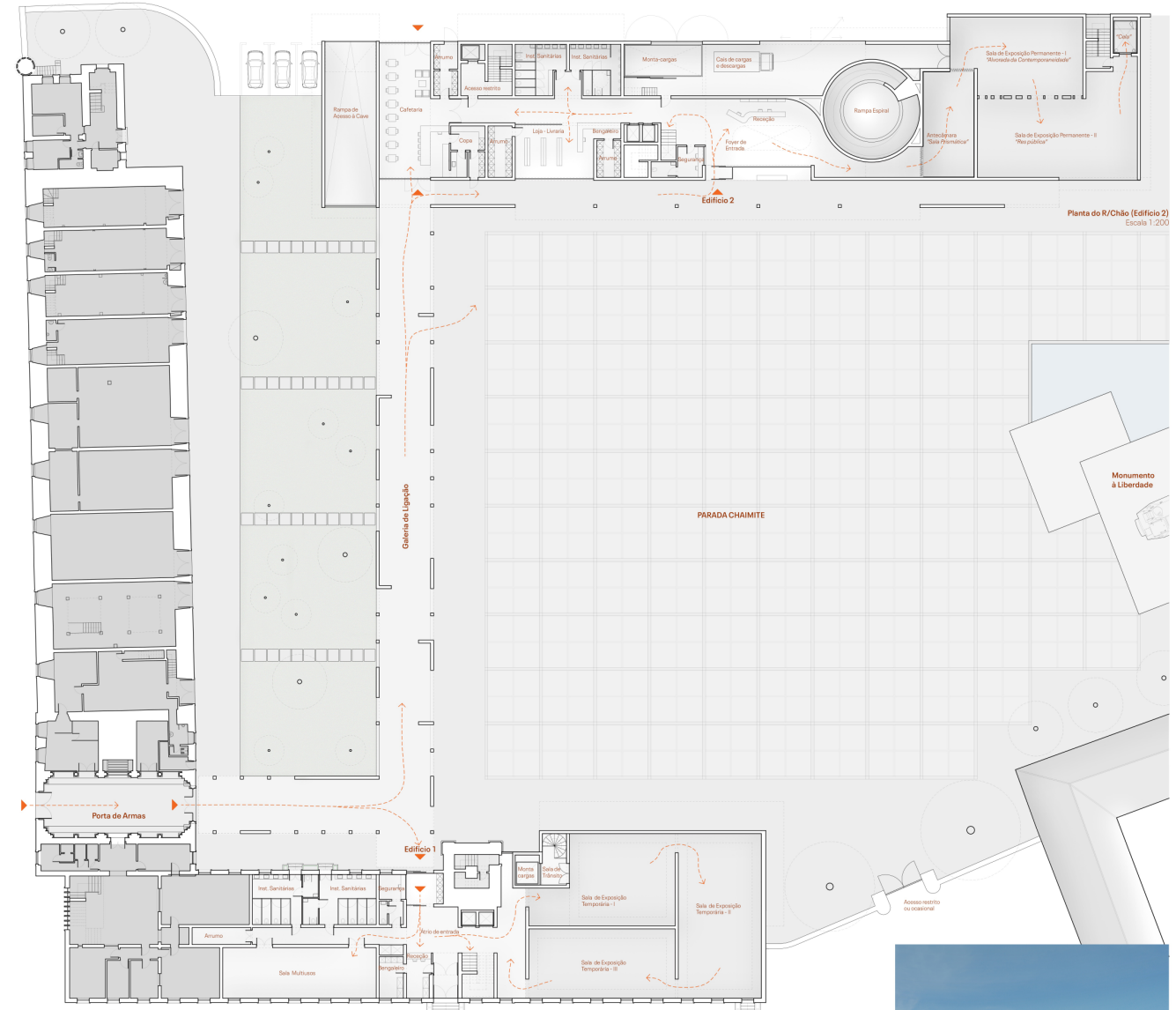
1-3

Um dos objetivos fundamentais do MAVU é valorizar um momento marcante da história da democracia nacional e que lhe está na origem do nome, que foi o 25 de Abril de 1974. Inevitavelmente, o contexto militar e a envolvente histórica deste acontecimento que se pretende perpetuar no tempo, numa perspetiva museológica, atinge outra dimensão quando o próprio contexto histórico da inserção envolve uma grande conotação militar, tendo sido acolhimento para Regimentos de Cavalaria e de Artilharia, culminando com a Escola Prática de Cavalaria. Desta forma, a entrada primordial no recinto do MAVU poderia ser feita noutro local que não pela Porta de Armas da Antiga EPC, a partir do Largo Infante Santo. Este momento simbólico marcará o início do percurso, proporcionando ao visitante a contemplação daqueles espaços, remetendo o seu imaginário para o momento histórico que se pretende evidenciar com o MAVU. Ao atravessar a Porta de Armas, o visitante deparar-se-á com a presença de um elemento longitudinal que atravessa transversalmente a Parada Chaimite e relaciona diretamente os dois edifícios do MAVU. A par da Galeria, trata-se como o elemento de ligação de todo o conjunto e que dilui o afastamento físico entre os dois edifícios permitindo a sua leitura como um único espaço museológico, a Parada Chaimite é vista como o elemento agregador.



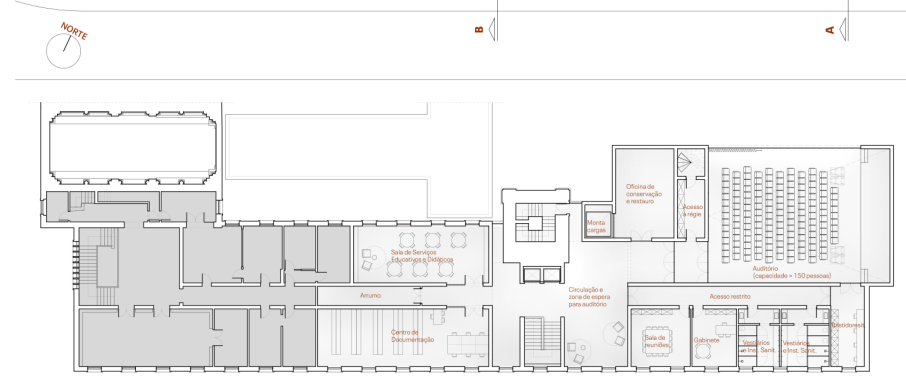
Planta do 1º andar

Escala 1:200



Planta do R/Chão (Edifício 1)

Escala 1:200



Planta do 1º andar (Edifício 1)

Escala 1:200

Concurso Público de Concepção para a Elaboração do Projeto do Museu de Abril e dos Valores Universais (MAVU)

2-3

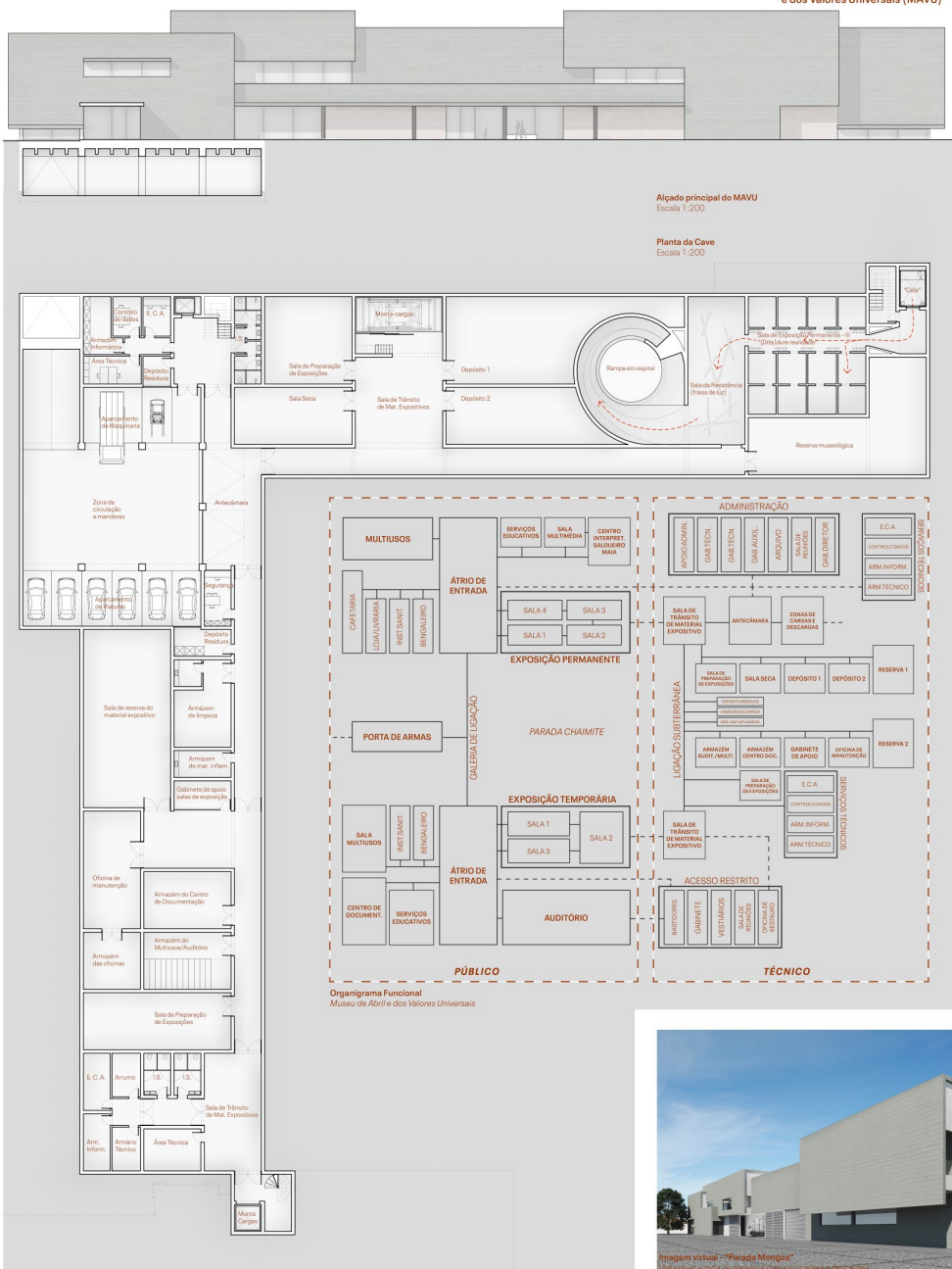
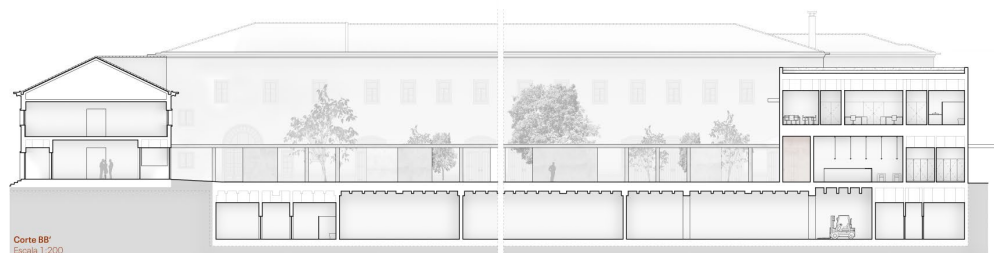
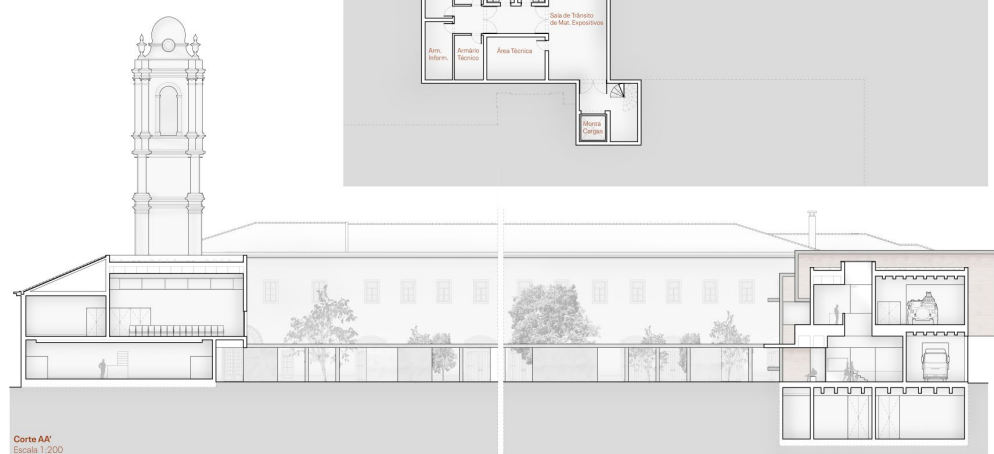
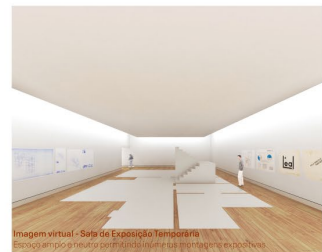


Imagem virtual - "Parada Chaimite"



Imagem virtual - "Porta de Armas"

Vista a partir da avenida principal, pela Antiga Porta de Armas



4º CLASSIFICADO

CONCORRENTE

VITOR MANUEL DOS SANTOS OLIVEIRA

COORDENAÇÃO

MARGARIDA AMIAL

Dois jardins abertos para a cidade

O antigo complexo militar manteve-se ao longo do seu funcionamento fechado para o exterior e a sua vivência foi direcionada para o interior do complexo. Com a extinção da E.C.P. e a implementação de novas instituições e serviços nos últimos anos, a estratégia de intervenção tem como objetivo abrir o seu espaço à cidade, como espaço público de qualidade. Transformar os diversos espaços exteriores do em espaços públicos de qualidade abertos aos escalabitano, transformando a parada chaimite, a parada mongua e o picadeiro em jardins e praças públicas, privilegiando e incentivando uma fluidez na mobilidade pedonal entre a cidade e o complexo.

Este abrir do complexo à cidade exige que a sua entrada institucional – Portas de Armas – funcione como elemento sugestivo e convidativo. Face à qualidade arquitetónica dessa passagem, pretende-se que a intervenção seja mínima e que esta adquira apenas uma característica específica, isto é, seja o mais transparente possível e que funcione como óculo para o interior do complexo – o primeiro vislumbre do Jardim da Liberdade.

A implementação de novas funcionalidades, como o MAVU ou a prevista galeria no antigo edifício do picadeiro interior sugere-nos que a transformação destes edifícios sejam o catalisador de toda uma transformação maior. Pretende-se ainda que a torre da antiga igreja da Trindade seja reabilitada de forma a poder receber os

visitantes do MAVU. Com as suas vistas a 360 graus de Santarém, este elemento tem tudo para ser um miradouro extraordinário e mais um elemento imaginário na narrativa da partida da coluna comandada por Salgueiro Maia desde ponto até Lisboa.

Dois edifícios ligados por um jardim

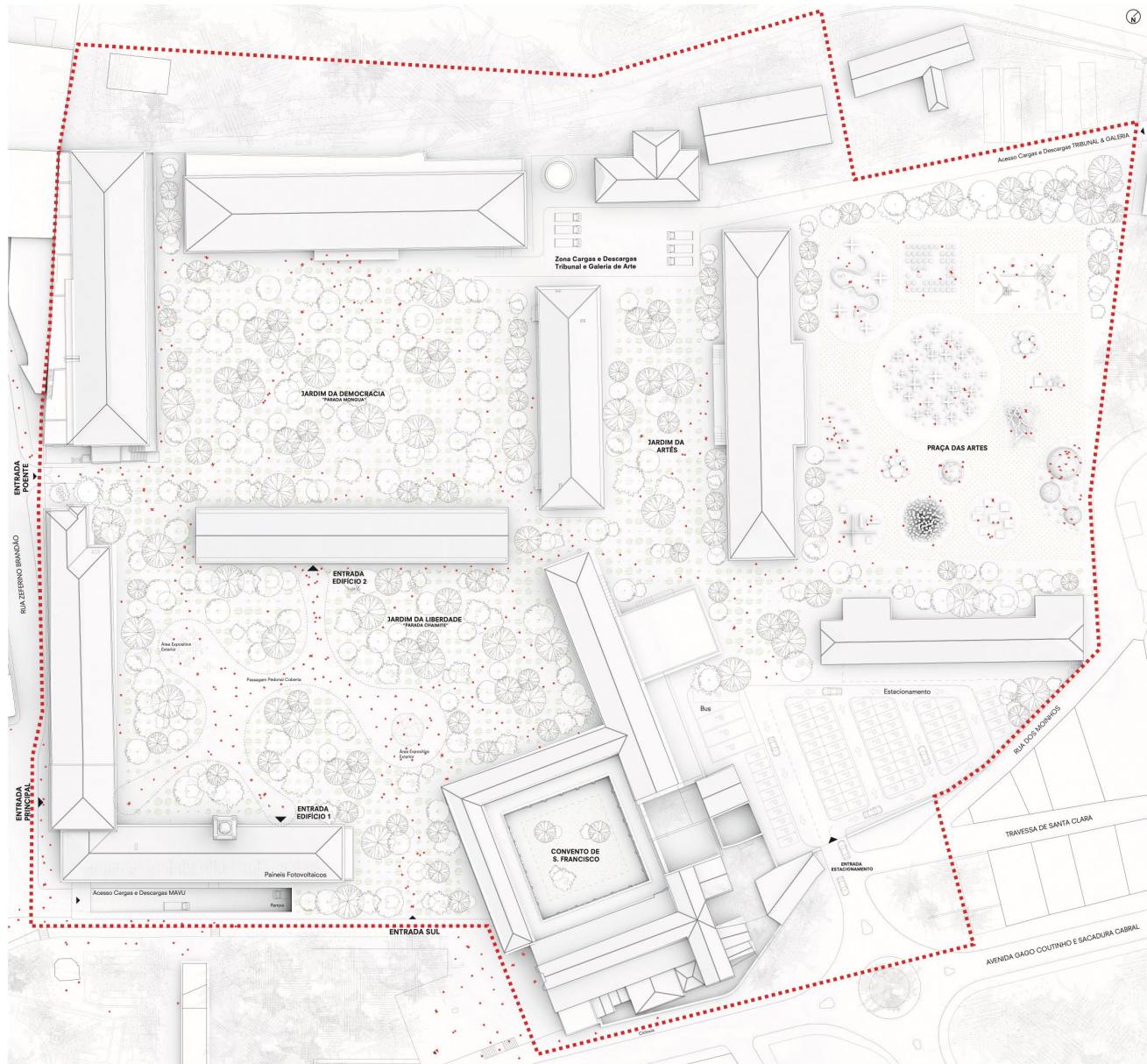
A articulação entre os dois edifícios que compõe o MAVU possui duas vertentes distintas. Do ponto de vista logístico, pretende-se fazer uma ligação direta, invisível e eficaz entre os dois edifícios, criando uma galeria direta e retilínea entre a zona de cargas e descargas, desde do exterior à circulação vertical dos dois edifícios. Por questões de comodidade e segurança, esta ligação funciona no subsolo.

Por outro lado, do ponto de vista formal e do utilizador, a articulação do MAVU faz -se a partir do jardim da liberdade, a antiga parada "Chaimite". A partir da "Porta de Armas", somos estimulados a percorrer este jardim, protegidos por uma cobertura que nos encaminha para as entradas do edifício 1 e do edifício 2. Entre eles, alguns espaços expositivos exteriores compõem o cenário.



CONCURSO PÚBLICO DE CONCEÇÃO PARA A ELABORAÇÃO DO PROJETO DO MUSEU DE ABRIL E DOS VALORES UNIVERSAIS 1-3

PERSPECTIVA AÉREA

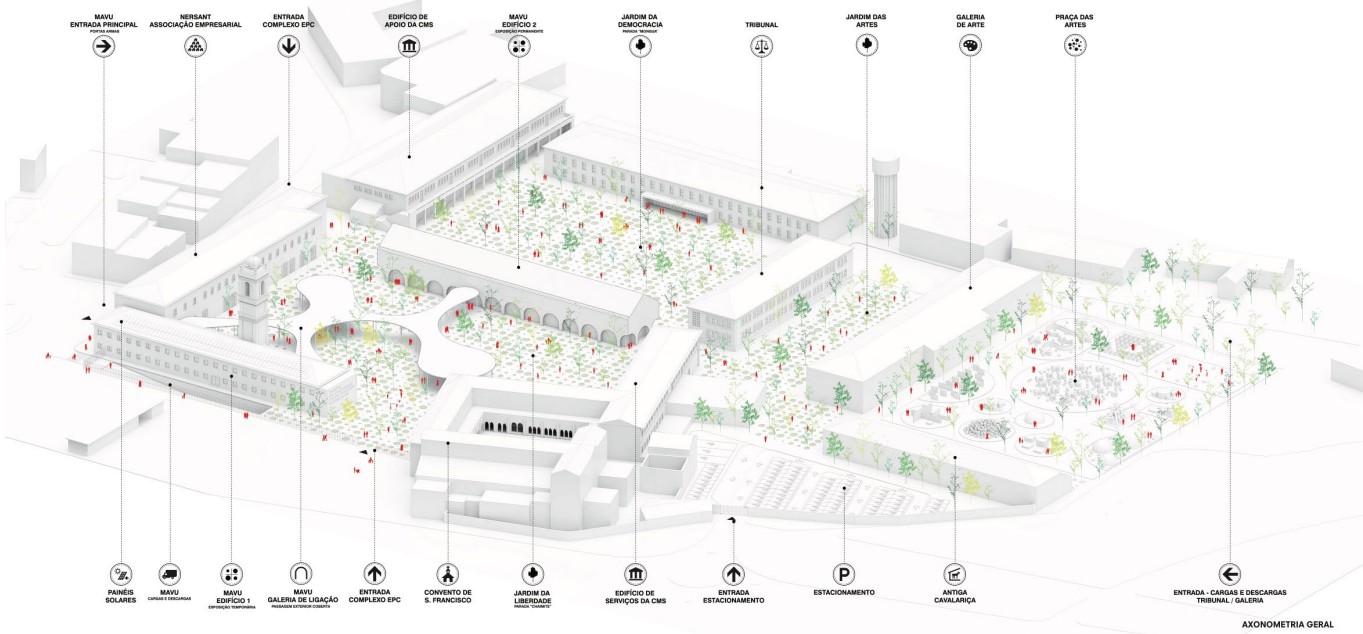


PLANTA DE IMPLANTAÇÃO 1/500

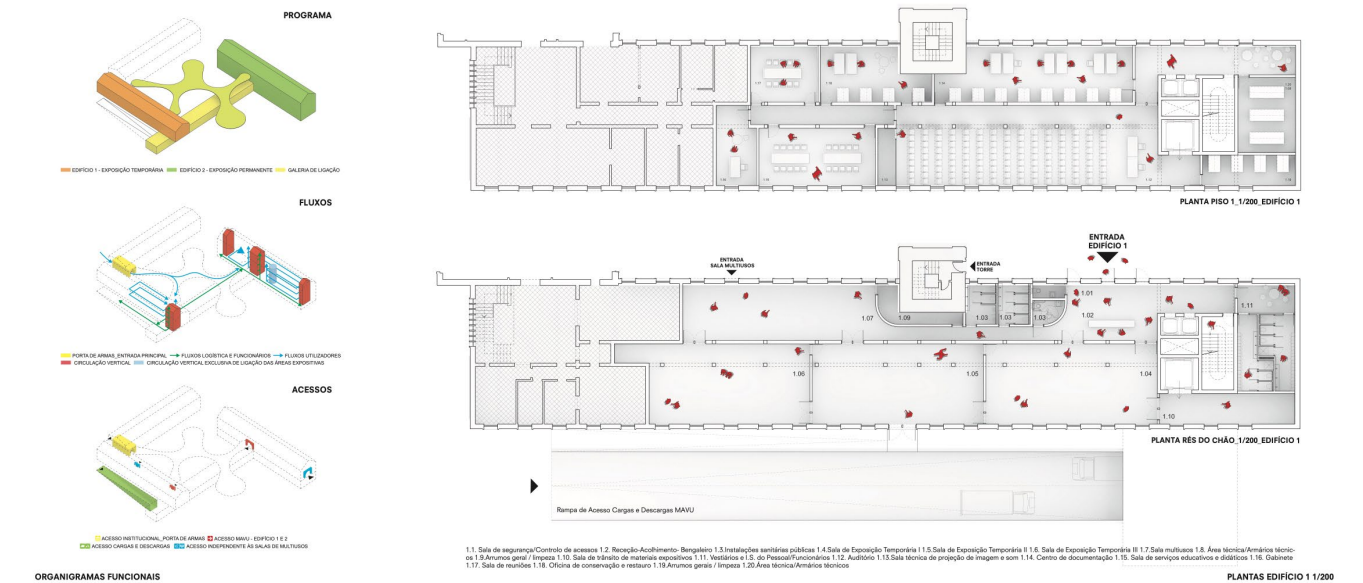


CONCURSO PÚBLICO DE CONCEÇÃO PARA A ELABORAÇÃO DO PROJETO DO MUSEU DE ABRIL E DOS VALORES UNIVERSAIS 2-3

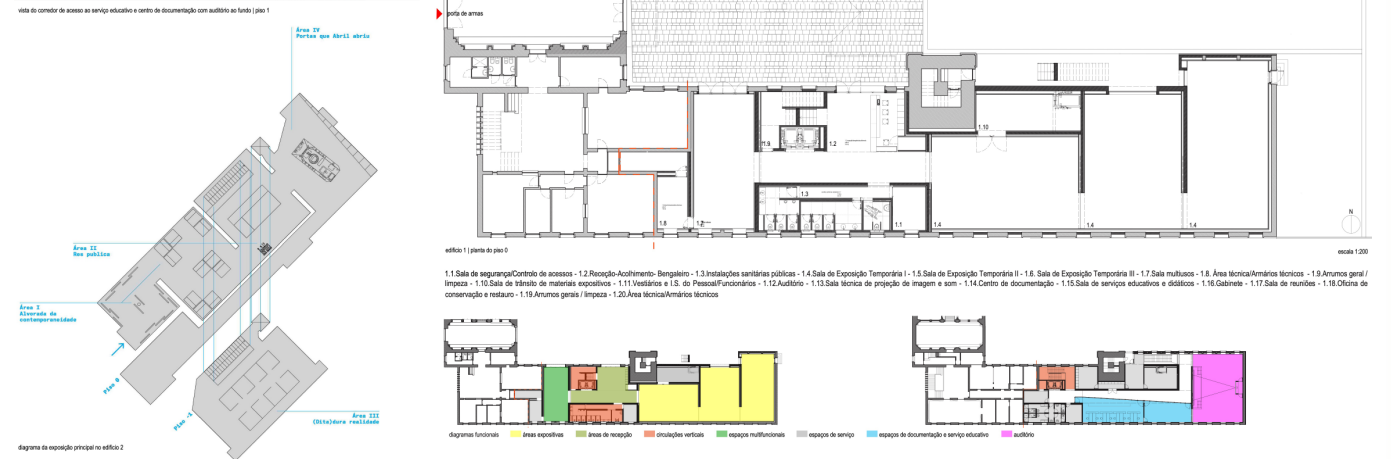
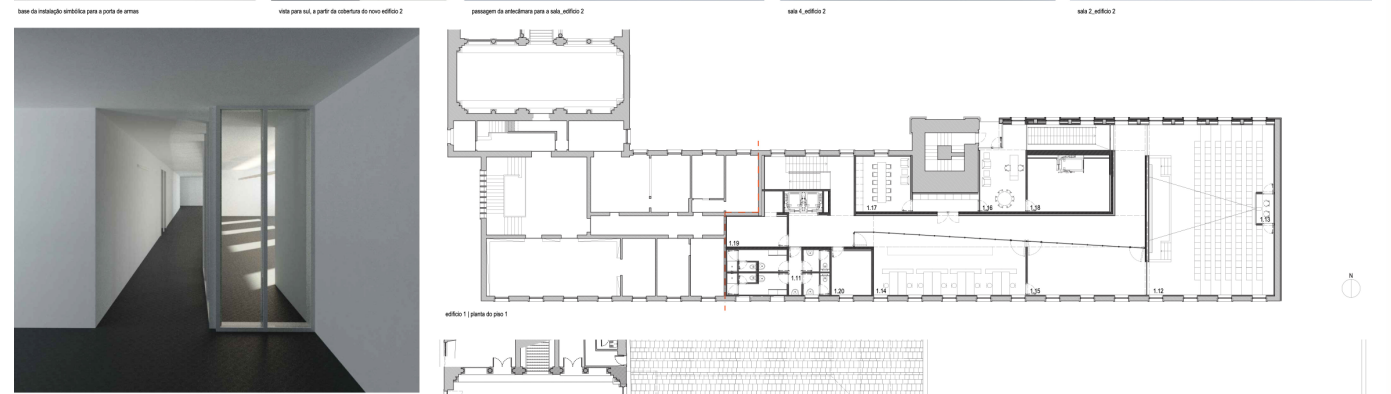
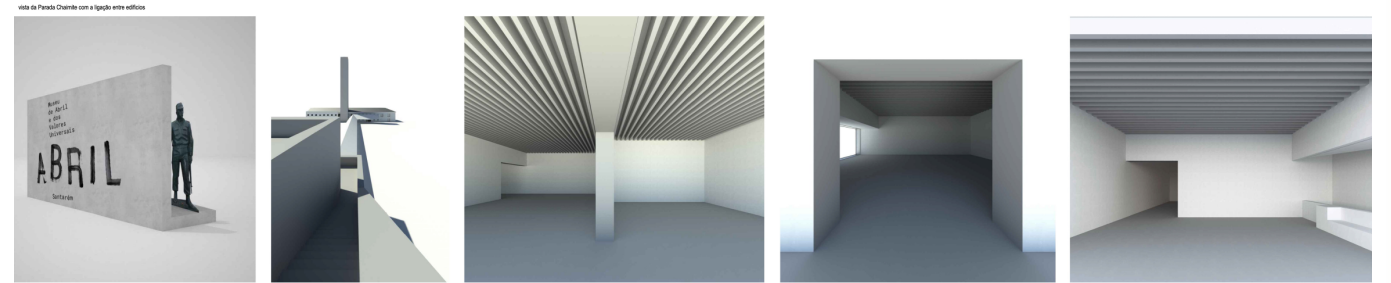
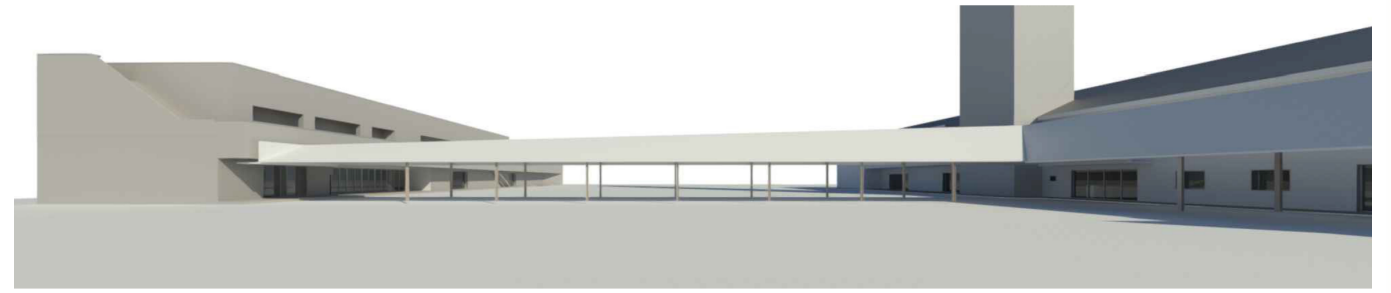
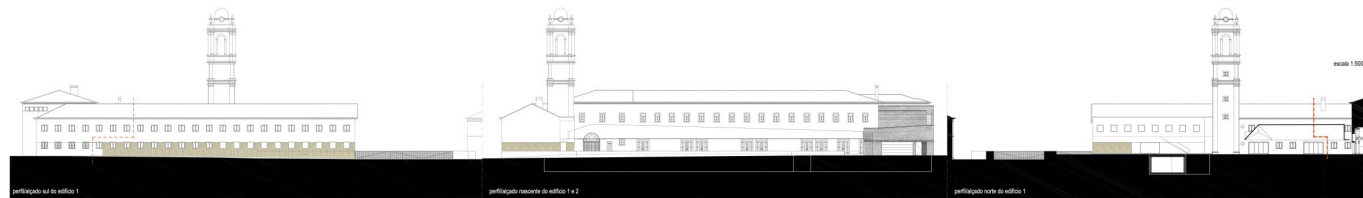
PERSPECTIVA A PARTIR DA PORTA DE ARMAS

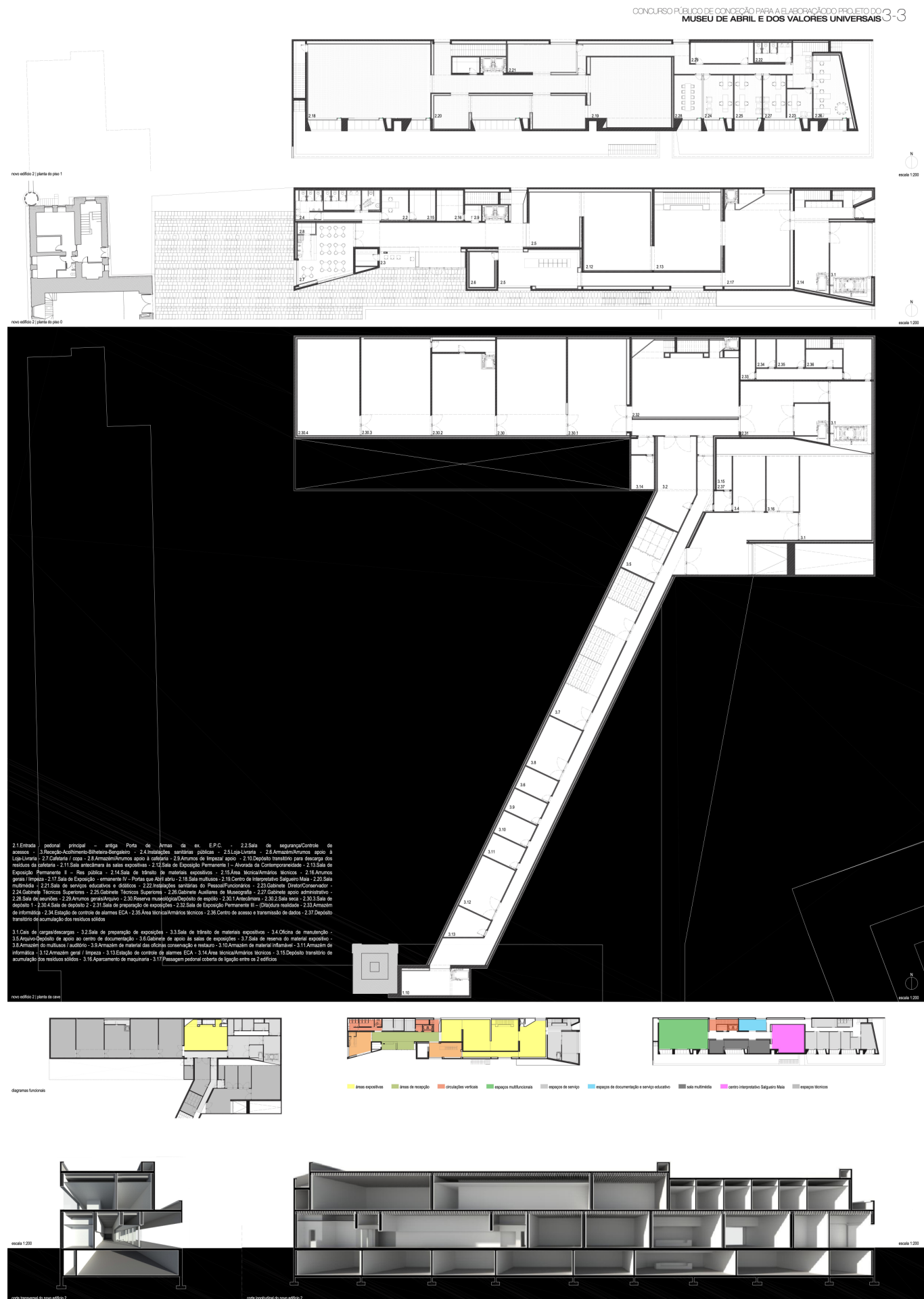


AXONOMETRIA GERAL



PLANTAS EDIFÍCIO 1/200





6° CLASSIFICADO

CONCORRENTE
GENERA

COORDENAÇÃO
CLAÚDIA PATRICIA RUFINO PEDROSO

Neste projeto contemplam-se dois aspetos chave, o primeiro que o MAVU estará integrado na Escola Prática de Cavalaria, o segundo que o museu e todo o seu espólio têm um enorme valor histórico e cultural que dignificam o espaço que o acolhe.

No edifício que acolhe as exposições temporárias, tentou-se mexer o mínimo nas fachadas. As salas de exposição e apoio surgem no seu interior e desenvolvem-se ao longo do edifício de forma orgânica e passiva.

Quanto ao edifício que acolhe as exposições permanentes, propomos a construção de um edifício novo, sobre a mesma implantação do edifício existente.

Este edifício contrasta com o edifício 1, pelo seu carácter mais ‘fechado’, ‘maciço’, robusto e impenetrável. À medida que se vai percorrendo os espaços expositivos, as quatro salas temáticas, vai-se tomando consciência da abertura dos espaços, das entradas de luz, ou seja, da libertação da ditadura, do caminho para a liberdade.

Nestas salas expositivas, a entrada direta de luz do exterior é controlada, com o objetivo de permitir a regulação da iluminação segundo as necessidades e características dos materiais expostos. As condições de iluminação, temperatura e humidade serão as apropriadas aos materiais a expor. Foram escolhidos materiais resistentes, de fácil lavagem e manutenção.

Foi criada uma ligação/acesso do edifício 1 ao edifício 2 subterrânea.

A parada “Chaimite” é um lugar/memória simbólico, um ponto focal para as comemorações de celebração da data histórica de 25 de Abril de 1974.

Achamos que este é o espaço central, o foco de toda a intervenção. Quisemos convergir para a parada todos os acessos que depois se “espalham” pelos vários percursos dependendo da intenção da visita. Um pátio que permite o acesso, através de rampas, aos vários espaços da galeria subterrânea que recebem bastante luz do dia, embora estejam literalmente esculpidos no solo.

Transformamos a parada, numa zona de acolhimento ao visitante, de viragem, contrastes. A praça será o ‘palco’ de exposição da famosa chaimite designada por ‘Bula’ símbolo da revolução.

MUSEU DE ABRIL E DOS VALORES UNIVERSAIS MAVU SANTARÉM

Neste projeto é importante contemplar dois aspectos chave, o primeiro que o Museu de Abril e dos Valores Universais (MAVU) estará integrado na Escola Técnica de Castanheira, o segundo que o Museu e todo o seu espólio têm um enorme valor histórico e cultural que dignificam o espaço que o acolhe.

No edifício que acolhe as exposições temporárias, tentou-se manter o máximo possível a nível de fachada. As salas de exposição e apoio surgem no seu interior e desenvolvem-se ao longo do edifício de forma orgânica e passiva.

Quanto ao edifício que acolhe as exposições permanentes, propõe-se a construção de um edifício novo, sobre a mesma implantação do edifício existente.

Este edifício contrasta com o edifício 1, tendo um carácter mais "fechado", "activo", robusto e impermeável. À medida que se vai percorrendo os espaços expositivos, as quatro salas temáticas, "Alameda e Contemporaneidade", "Era pública", "Gente dura realidade local" (em conjunto "Quilómetros") e "Na porta que abriu a porta", vão-se tornando conscientes da abertura dos espaços, das entradas de luz, do ar, da libertação da estatura, do quanto se vai libertando.

Todas estas coisas terão de ter em conta a concepção de condições e requisitos universais de acessibilidade, desde ao menos a menor, mas como a concepção de condições e requisitos de acessibilidade de conforto climático e também a adoção de maiores medidas de segurança, em virtude de serem espaços destinados a actividades públicas e/ou internas, em que a presença do público é constante, no mesmo período.

As salas de exposições permanentes permitem um fácil acesso à sala de Reserva de materiais expositivos, que se localiza em baixo, através da sua integração com a Sala de Prévio de Materiais Expositivos.

Nestas salas expositivas a entrada directa de luz do exterior é controlada, com o objectivo de permitir a regulação da iluminação segundo as necessidades e características dos materiais expostos. As condições de iluminação, temperatura e humidade serão as apropriadas aos materiais a expor.

Os materiais de revestimento dos pavimentos, paredes e tetos não são inflamáveis e possuem um carácter neutro e subtil, por forma a dar relevância aos objectos expostos e à respectiva sinalética.

Serão definidas áreas de segurança, que nas zonas internas com materiais expositivos, quer nas zonas públicas quer materiais expositivos.

A nível de eficiência energética, pretende-se aproveitar ao máximo as condições naturais do local. Os materiais escolhidos permitem um eficaz isolamento térmico e acústico e uma ventilação natural adequada.

As acessibilidades estão asseguradas, pois o projeto cumpre todos os requisitos indicados na legislação em vigor.

Os dois edifícios têm um monta-cargas que possibilita o transporte de peças volumosas e o seu transporte até à zona de carga/descarga e sala de reserva de acondicionamento-matéria de embalagem.

Foram escolhidos materiais resistentes, de fácil limpeza e manutenção.

Foi criada uma ligação/cesso do edifício 1 ao edifício 2 subterrâneo.

Planta Implantação 1/700

MUSEU DE ABRIL E DOS VALORES UNIVERSAIS MAVU SANTARÉM

A parada "Chalante" é um supermemória simbólica, um ponto focal para as comemorações locais e/nacionais de celebração da data histórica de 25 de Abril de 1974.

Acharmos que este é o espaço central, o foco de toda a intervenção. Queremos convergir para a parada todos os acessos que depois se "espalham" pelos vários percursos dependo da intenção da visita. Um pólo que permite o acesso, através da rampa, aos vários espaços da galeria subterrânea que recebe bastante luz do dia, embora estejam literalmente escudados no solo.

Transformamos a parada, num momento convergência, viragem, de contrastes.

No pólo podemos ir para o edifício das exposições temporárias, para o edifício das exposições permanentes, para a loja ou para um dos espaços mais técnicos como oficinas, reservas, etc.

Existe também um acesso ao pólo por uma rampa de serviços, para transporte das peças de exposição, e outros materiais que sejam precisos, com ligação directa ao calo de carga.

Funcionalmente, o proposto é dividido em três zonas distintas, mas que se complementam. Os espaços que fazem parte do núcleo de exposição temporária (edifício 1), os espaços que fazem parte do núcleo de exposição permanente (edifício 2) e os espaços comuns e de lazer que compreendem os espaços públicos e privados/recreativos, de apoio e de lazer. O edifício 1 ocupa parte do piso 0 e do piso 1 já existentes, e ainda irá ter uma sala a funcionar no piso -1, de onde se poderá ter acesso a uma galeria que fará a ligação entre os dois edifícios, edif. 1 e edif. 2. Através desta galeria também se poderá fazer a passagem de objectos expositivos de um edifício para o outro, se for caso disso e passar pelas salas de reserva e depósito. O edifício 2 é novo e surge da necessidade de albergar as exposições permanentes por forma a não se perder a qualidade de conservação e a não se perder a visita e a entrar num edifício que se apresenta ligeiramente a exterior, para se ir deixando levar pelo tema da liberdade e finalmente se libertar no final.

Os acessos ao Museu MAVU serão feitos, pedonalmente pela antiga porta de Armas, no pólo parte no Largo do sítio do antigo Mosteiro de São Francisco e por circulação viária através do portão no Largo do sítio do antigo Mosteiro de São Francisco ou pelo novo portão criado junto à rotunda entre a Rua 31 de Janeiro/ff. N. 114/Rua dos Moicanos.

Quem vier por circulação viária, poderá usufruir do estacionamento na denominada Parada Negra ou optar pelo estacionamento mais a este (antigo alameda) e poderá fazer o percurso até ao MAVU através de uma rampa que dará acesso até ao interior do edifício 2.

Se o visitante vier pedonalmente pela Porta de Armas, o acesso ao museu far-se-á pela rampa que se encontra mais próxima e que o encaminhará até à praça.

Sendo o Museu um espaço pensado de e para o público, deve considerar-se este o percurso mais importante. Assim, a entrada do edifício 1 poderá ser feita directamente pela rua dos Ex-Combatentes da Ultramar, ou pela parada "Chalante", ou ainda pela nova praça se vier por exemplo do edifício 2.

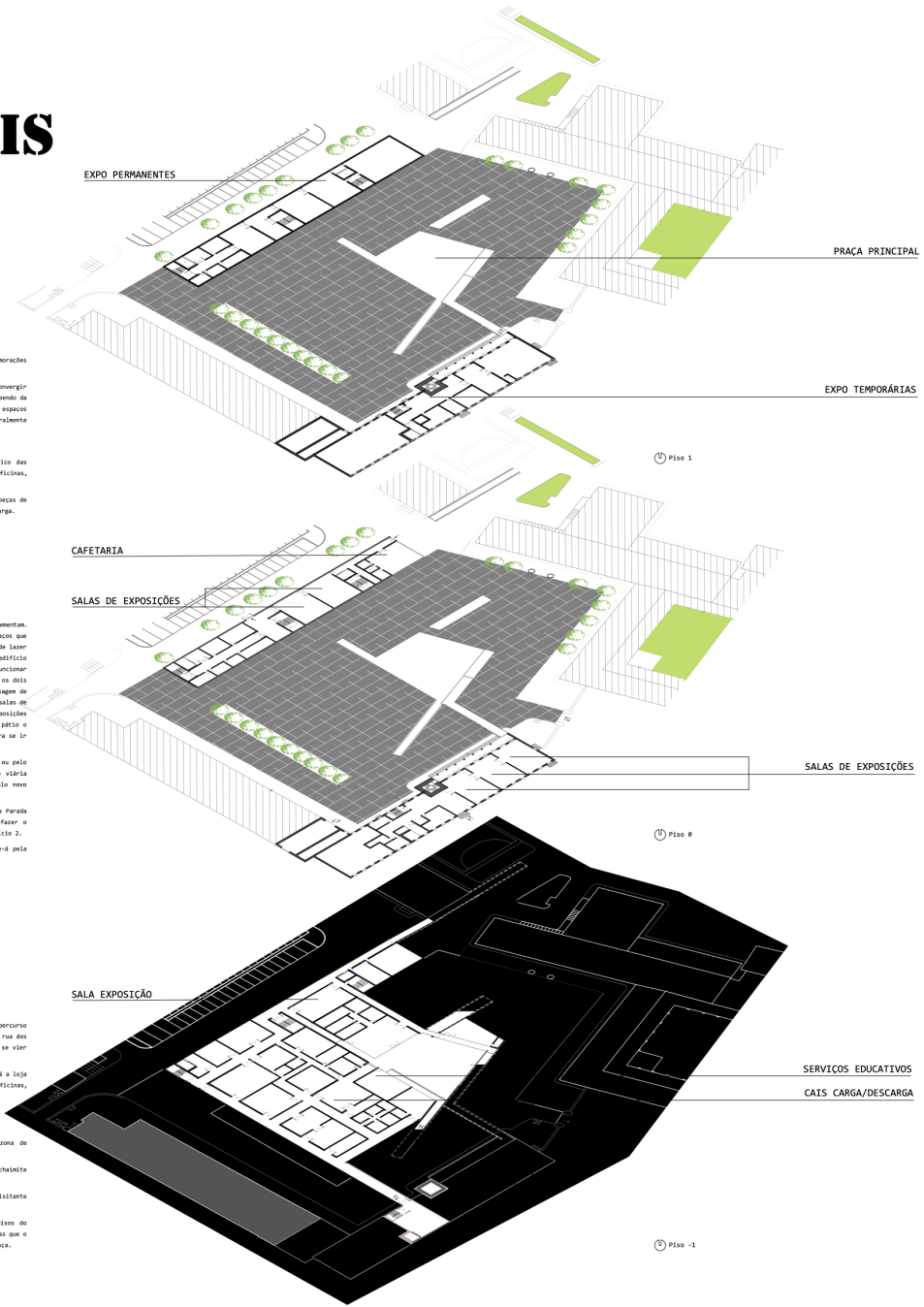
Este espaço (a praça) será o ponto de partida do visitante e é aqui que encontrará a loja e alguns outros espaços de interesse como, serviços educativos e educativos, oficinas, etc.

O espaço dará acesso até aos 2 núcleos expositivos e é considerado uma zona de acolhimento ao visitante, sendo um ponto de partida e reunião do público.

Caso haja essa intenção, a praça poderá ser o "pólo" de exposição da famosa Chalante designada por "Rua" símbolo da revolução.

As três salas de exposição temporárias encontram-se no piso 0 do edifício 1 e o visitante poderá aceder às mesmas, pelo interior ou através da galeria na fachada principal.

As quatro salas de exposição permanente ficam situadas ao longo dos vários pisos do edifício 2 e o visitante poderá aceder às mesmas através da praça por meio de rampa que o levarão ao edifício, ou através do acesso directo ao mesmo feito mais a este da praça.



Cafeteria

Vista da Praça de Armas

Vista da Rampa - ligação entre edifícios

MUSEU DE ABRIL E DOS VALORES UNIVERSAIS MAVU SANTARÉM

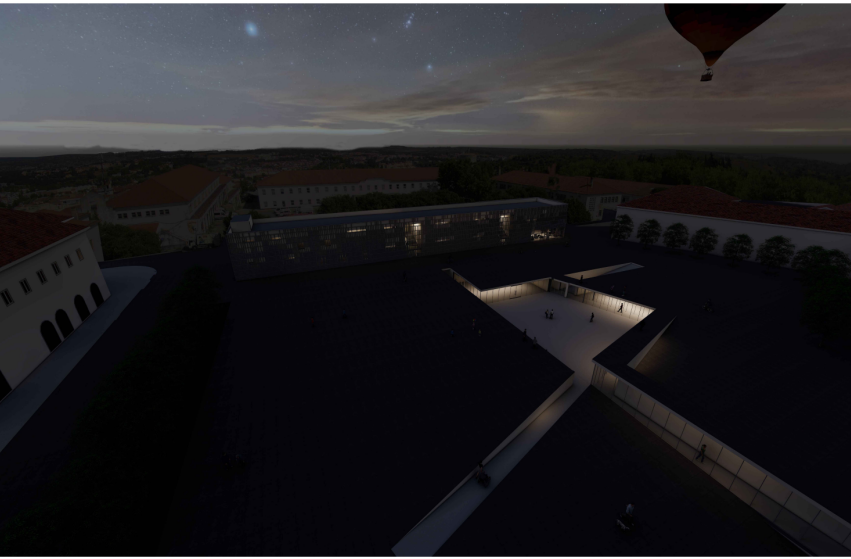
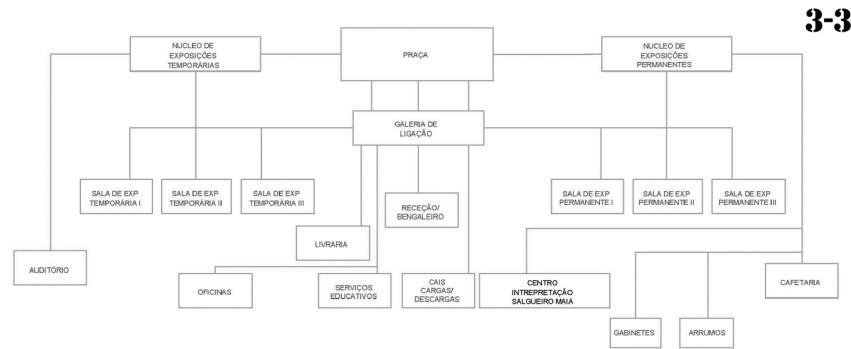
Pretende-se que o edifício novo, edifício 2, edifício de exposição permanente, seja um reflexo das sensações vivenciadas pelo visitante ao longo da visita à medida que vai percorrendo todos os espaços expositivos que este lhe oferece.

O visitante que vem do espaço enterrado, de um tempo mais "oprimido" e "escuro", vai aos poucos entrando no caminho que o levará à liberdade. Por isso os espaços vão sendo mais "abertos" para o exterior, para a luz, e para a liberdade.

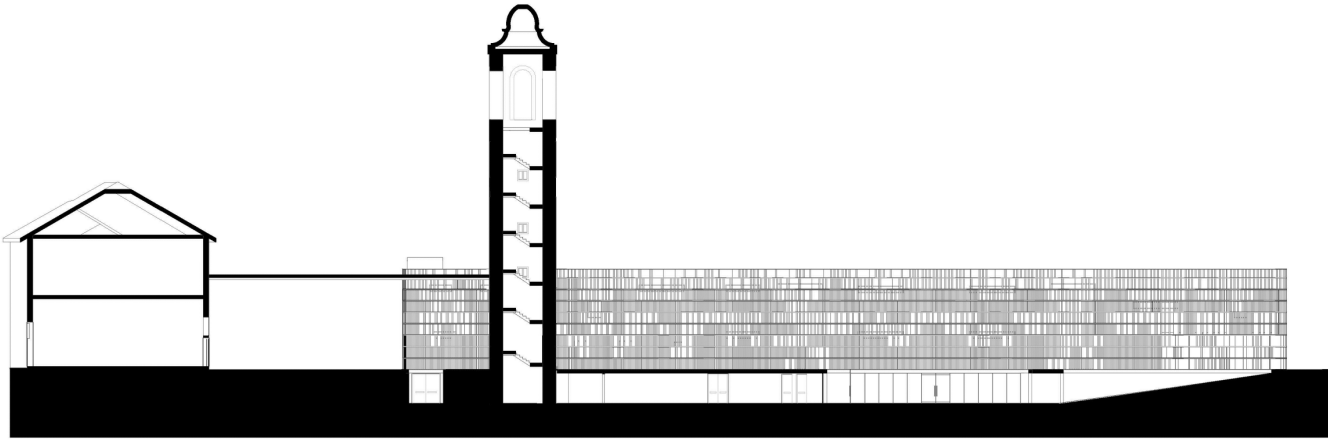
Tudo isto se faz sentir a nível de luz, conforto, materiais.

Este edifício foi desenhado para vestir um material "forte", "duro" e "pesado", mas que tem a capacidade de se transformar em algo "leve", "aberto" e "libertador".

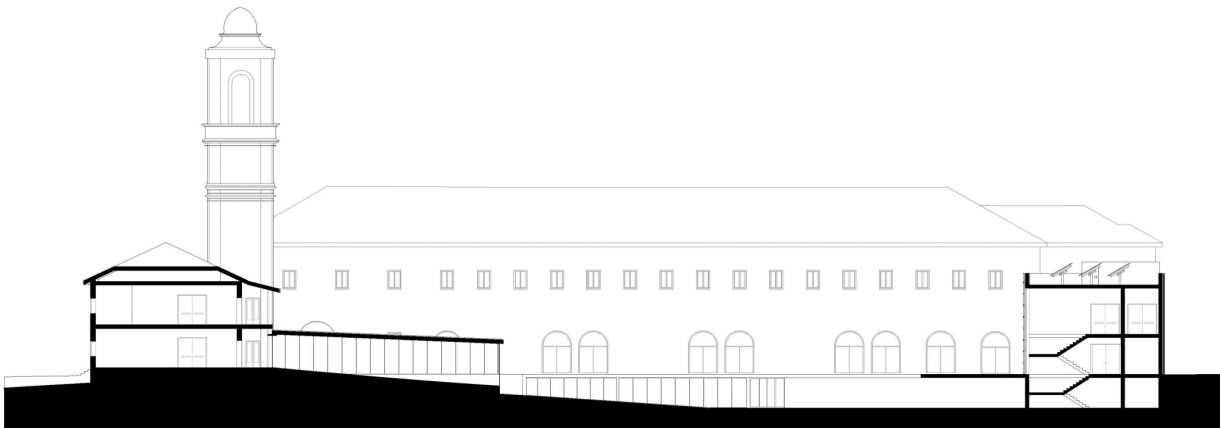
Optámos por criar uma fachada permeável em peças de betão pré-fabricado que permite a abertura ou fechamento da fachada consoante se queira mais ou menos luz no seu interior, iludindo as divisões a norte e a sul, protege as janelas e esconde os gralhas de ventilação necessárias.



Vista geral noturna



Corte longitudinal
esc 1/200



Corte transversal
esc 1/200

7º CLASSIFICADO CONCORRENTE REIS DE FIGUEIREDO - ARQUITECTOS DA BEIRA COORDENAÇÃO CARLOS REIS DE FIGUEIREDO

Santarém na sua estrutura urbana medieval onde a cultura árabe ainda muito se afirma, está rodeada por espaços verdes periféricos que vão entrando na cidade de forma paulatina, motivado por ajustes diversos no desenho urbano. O atual complexo militar em estudo, fruto da sua estrutura morfológica, onde os vazios das paradas entram no jogo urbano, remata, hoje, os jardins públicos centrais,

A “apetência” com que o espaço verde público procura o território não construído das Paradas como uma hera que sente a humidade de uma terra, sem concorrentes herbáceos, é evidente.

Optámos assim por garantir a estrutura da envolvente ao edifício nº 1 a intervencionar, mantendo o grande portão de acesso junto ao convento de S, Francisco e a rua dos Ex-Combatentes com a sua escala e seu estacionamento “obrigando” deste modo a Parada Chaimite a manter a sua articulação com estas pré-existências.

O largo do Convento de S. Francisco com o seu portão amplo, no remate da rua Ex-Combatentes da Guerra do Ultramar deverá assim manter-se para bem do relacionamento e acesso aos edifícios. Mesmo que apenas como acesso secundário ou de emergência.

A proposta que apresentamos assume, também, a importância de uma visita descontraída às paradas e ao complexo em reconstrução, palco de novas arquitectu-

ras, de novos volumes e de novos entendimentos sobre os espaços militares; - e é para esse público não visitante do espólio representado nos edifícios nºs 1e 2 que se propõe a manutenção desta entrada franca.

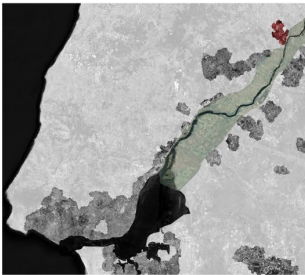
Este jogo de relações, surpreendentemente simples e complexo, mantêm-se e reforça-se na nossa proposta com a substituição da peça 2 (edif. 2) por uma outra de maior valor simbólico e arquitetónico. Esta, interliga-se com a peça 1 (edif. 1) através de uma galeria em cave. Os topos da galeria, quando sobem aos pisos o abrem-se para as duas paradas não ficando esta refém da sua cota negativa.

Um bosque remata o lado nascente das Paradas e convida ao estar, na proximidade da cafeteria a construir no edifício 2.

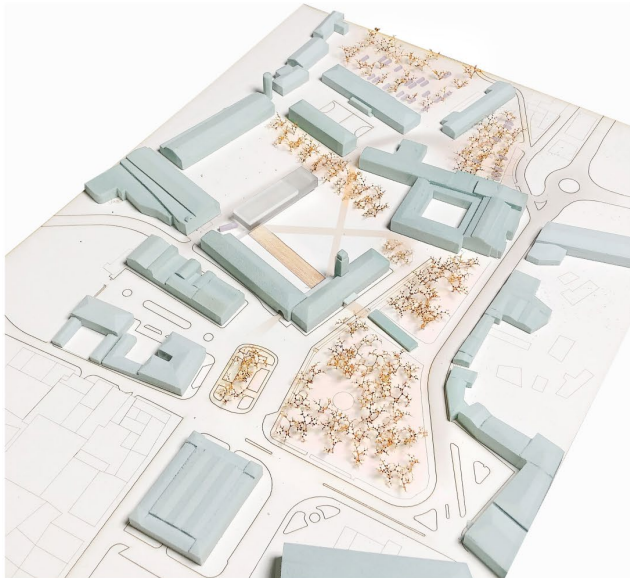
A Porta de Armas, mesmo com esta “explosão” de acessos, continua a assumir o controlo do projeto e do organigrama do programa já que é a partir desta que a história se conta e se organiza; - entrada principal a partir do Largo Infante Santo e ponto de convergência de uma das diagonais pedonais da Parada Chaimite.

É um projeto de uma parada militar transformada em “Plaza Mayor”, mas mais libertária.

MAVU - Museu de Abril e dos Valores Universais



SITUAÇÃO 1:10000



"Foram dias foram anos
a esperar por um só dia.
Alegrias. Desenganos.
Foi o tempo que doia
com seus riscos e seus danos.
Foi a noite e foi o dia
na esperança de um só dia."
Manuel Alegre

Não deixa de ser paradoxal que as instalações de um quartel militar, que simboliza muitas vezes o contrário dos ideais que este concurso encerra, esteja a ser transformado num certo lampião dos valores universais da liberdade e da res pública. São os novos tempos civilizacionais que se esperam que perdurem por muitas gerações.

Esta estrutura edificada ao longo de séculos, num território banhado pelo Tejo que aos pés deste morro corre de forma alargada, criando um lezila longa e fértil, é um privilegiado com a capital do "Reino". Lisboa, representa importante núcleo patrimonial de uma cidade expressiva, forte patrimonial-mentia, e de importância acrescida na afirmação da centralidade da região de Lisboa e Vale do Tejo.

Santarém, cidade escalante que vai atingindo os valores máximos nas temperaturas de Verão, castigando os seus habitantes de forma intensa e que vão vendo o grande rio Tejo perder o seu caudal, fruto de desvios e obras de retenção em solo espanhol, contribuindo cada vez menos para o refrescamento territorial.

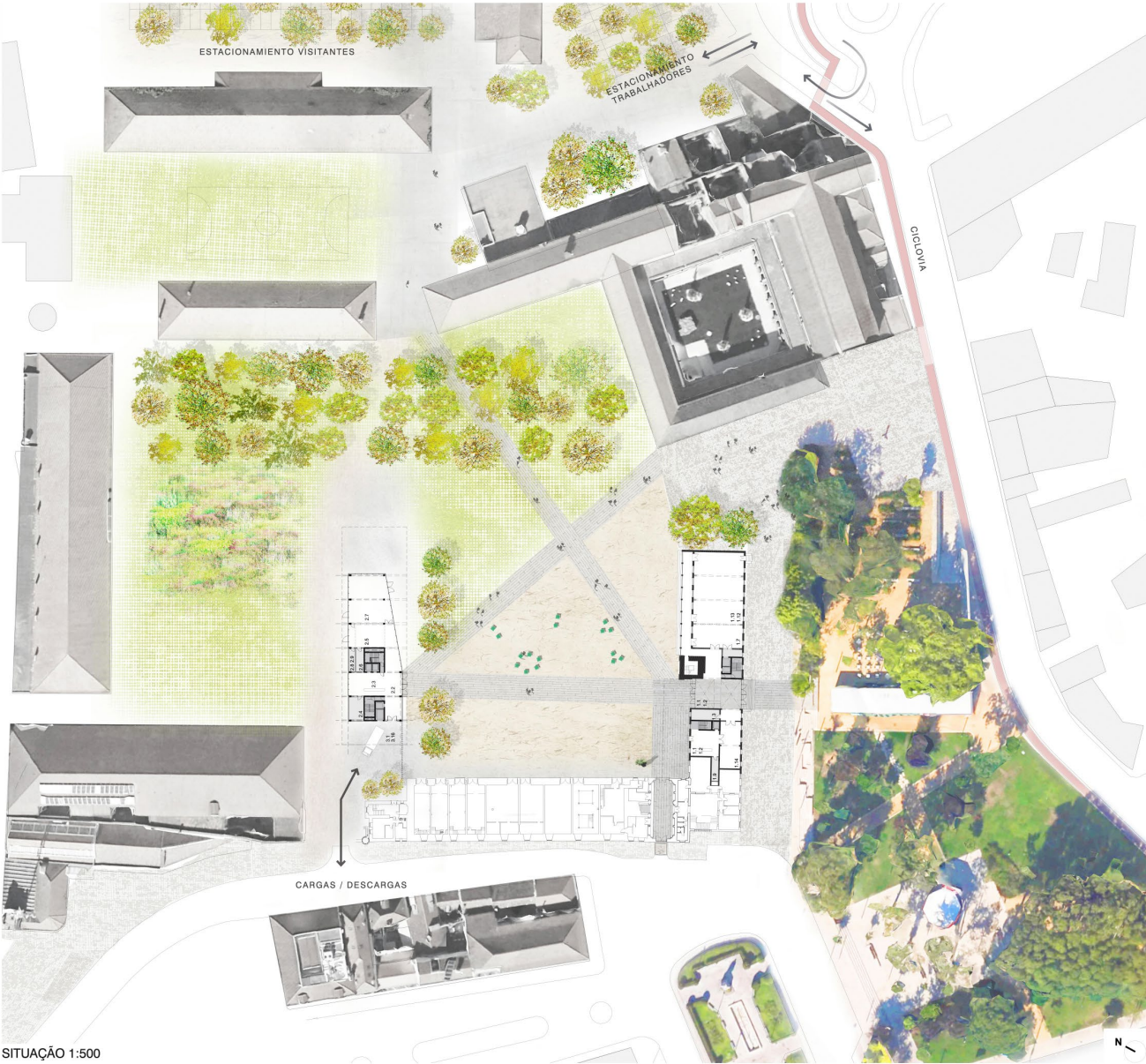
A cidade na sua estrutura urbana medieval onde a cultura árabe ainda muito se afirma, está rodeada por espaços verdes periféricos que vão entrando na cidade de forma paulatina, fruto de ajustes diversos no desenho urbano. O actual complexo militar em estudo, fruto da sua estrutura morfológica, onde os vazios das paradas entram no jogo urbano, remata, hoje, os jardins públicos centrais, sendo um pouco incompreensível que o acesso à parada das chaimites seja neste programa desqualificado pela presença de algum modo a sua relação mais directa com o espaço público.

O programa sugere o fecho nocturno do novo complexo (MAVU) mas, como se percebe pela implantação proposta, estruturalmente as paradas, apesar do seu papel funcional e simbólico, sempre foram uma continuidade dos espaços urbanos não construídos e com significado.

A "apetência" com que o espaço verde público procura o território não construído das paradas como uma hera que sente a humidade de uma terra sem concorrentes herbáceos é evidente.

Optámos assim por garantir a estrutura da envolvente ao edifício nº 1 a intervenções, mantendo o grande portão de acesso junto ao convento de S. Francisco e a rua dos Ex-Combatentes do Ultramar com a sua escala e seu estacionamento "obrigando" o belíssimo convento, a entrar no jogo das relações formais entre os espaços.

A planta de conjunto expressa neste painel manifesta de forma evidente a força da estrutura do convento na organização do programa em implementação neste concurso. Não é peça que se abandone na dinamização dos espaços públicos e das paradas do complexo militar.



SITUAÇÃO 1:500

PAINEL 1-3

MAVU - Museu de Abril e dos Valores Universais



PORTA DE ARMAS

PAINEL 2-3

Neste jogo de espaços públicos e na articulação destes com a Porta de Armas a Parada Chaimite assume uma importante liderança espacial, recriando-se de forma diferente os momentos militares de juramento ou de outros momentos menos formais.

Esta Parada, naturalmente, será invadida pelo público que virá de Porta de Armas, via Largo Infante Santo ou dos estacionamentos que serão ancorados na zona do ex picalheiro ou entrada do complexo junto à rotunda de acesso ou ainda pelo grande portão de entrada no largo do Convento de S. Francisco.

Esta enorme manifestação cívica que é o uso da grande Parada Chaimite pelo público que aplaudiu e vibrou com Salgueiro Maia é o melhor tributo que lhe podemos prestar sobretudo se podemos usar e cruzar este amplo espaço em total Liberdade e fruição. Esta Parada transforma-se assim num grande complemento ao programa encerrado nos edifícios 1 e 2.

A opção de manutenção da estrutura formal e compositiva do edifício nº 1 evidenciam algumas cauteias com o custo financeiro da intervenção e com alguns valores patrimoniais.

As fachadas de rua do edifício 1 mostram estarmos na presença de um volume e de uma arquitectura severa, de forte expressão urbana que importa manter para reforço da urbanidade do local. O seu embasamento em pedra e o seu ritmo de aberturas de composição clássica acentuam a perspectiva do aruamento e do espaço verde e reforçam a presença do convento S. Francisco, equipamento que ajuda ao fortalecimento deste núcleo cultural. Optou-se assim pela manutenção global do edifício introduzindo algumas correcções na fachada interior e remodelar globalmente o seu interior.

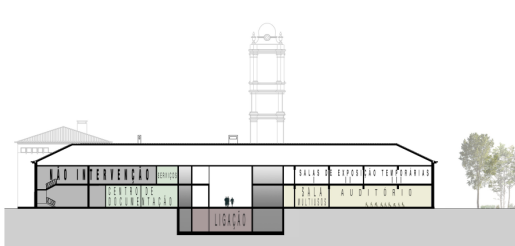
A hierarquia funcional proposta assenta no programa proposto tornando a Porta de Armas como espaço de entrada do espaço público ou espaço centralizador para quem se movimenta na Parada Chaimite.

Uma pala suspensa regula e interliga a Porta de Armas com a recepção efectiva do MAVU, junto à torre. Esta recepção com pé direito duplo, sub-dividido para permitir passagem superior, abre-se também para a rua dos ex-Combatentes do Ultramar numa sugestão de janela sobre o mundo exterior com o seu jardim público fronteiro.

Esta recepção deca também ao piso da cave para acederemos ao percurso de interligação entre os dois edifícios, galeria de ligação e espaço para armazéns.

Por razões de segurança contra incêndios e face ao maior nº de utentes que um auditório comporta resolvemos inverter a localização das salas de exposição para o piso 1 e baixo auditório para o piso 0. Este terá assim esitas de emergência directamente para o espaço público.

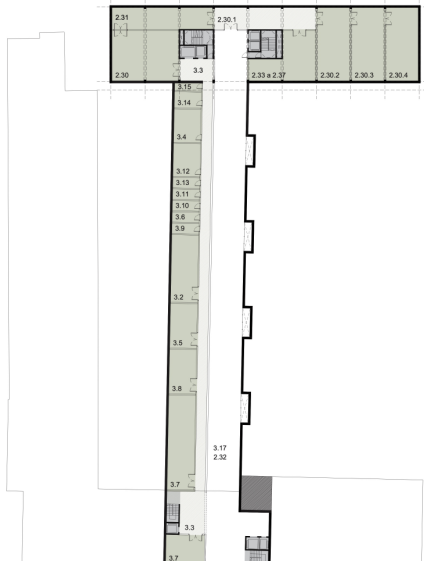
Uma fachada envidraçada encerrará o porticado da fachada norte criando condições para um corredor de acesso ao auditório e salas de exposição e uma maior expressão formal para este equipamento museológico.



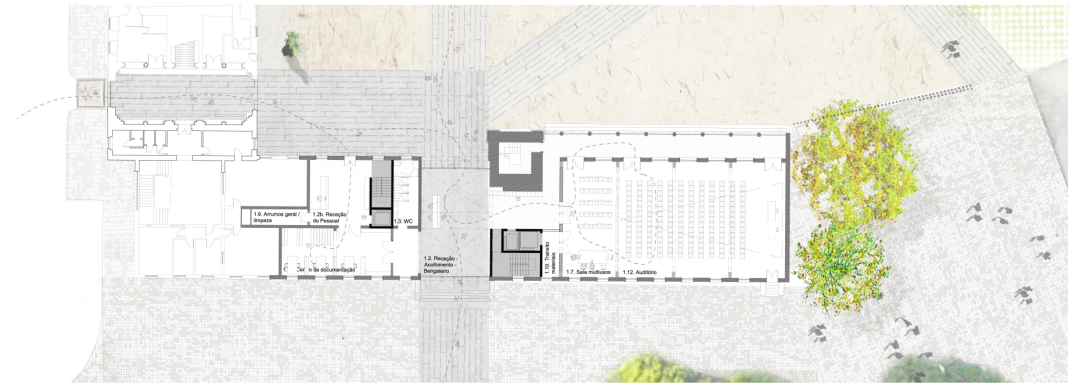
SECÇÃO LONGITUDINAL EDIFÍCIO 1_ 1:400



PLANTA 1 EDIFÍCIO 1_ 1:400



PLANTA DE CAVE_ LIGAÇÃO _ 1:400



PLANTA BAIXA EDIFÍCIO 1_ 1:200



PARADA CHAIMITE

A Parada Chaimite será assumida como espaço 25 de Abril, permitindo a sua conquista pelos cidadãos e a sua estruturação reforçar-se-á com a construção de um novo edifício nº 2, edifício que suportará as exposições permanentes e dará abrigo a funções mais comerciais como é caso da livraria, loja e a cafeteria.

Este volume assumi-se-á como a peça icónica do conjunto, com uma cénica de 3 pisos com cobertura visitável pois pretendemos que esta se transforme numa cobertura técnica.

A sua composição com grandes balanços laterais e envidraçados centrais permitirá que este volume seja peça fundamental na estruturação das duas ex Paradas militares, assegurando a leitura das mesmas numa continuidade controlada.

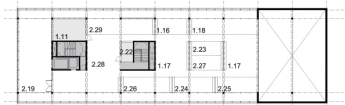
A cafeteria funcionará como âncora das duas paradas e de todo o conjunto de serviços que gravitam à volta destas duas Paradas.

No piso 0 deste edifício 2 teremos os espaços mais públicos - hall de entrada, loja e cafeteria e entrada de serviço e materiais, reservando-se os pisos superiores para as funções expositivas, sala de multusoos e restantes espaços definidos em programa.

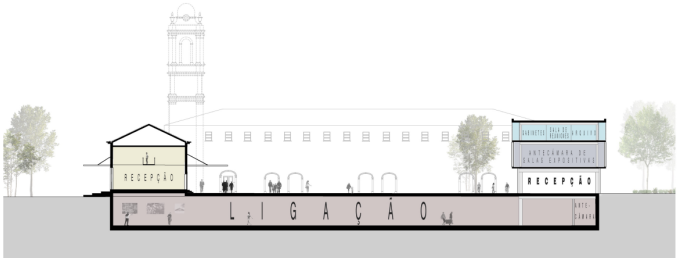
O hall no piso 0 deste edifício nº 2 será o remate do percurso expositivo, em cave, que a galeria de ligação entre os dois edifícios proporciona. Esta galeria responderá assim ao estabelecido no programa de concurso. Ao longo do seu trajecto lanternins iluminarão a galeria de exposições.

Este novo edifício articula-se, a nascente, com um espaço verde amplo que tentará minimizar o "castigo" do calor que os meses de verão provocam aos utentes destes espaços abertos permitindo que o público visitante tenha alternativas de usos, que não só a visita aos espaços do MAVU, transformando assim todo o espaço interior livre visitável.

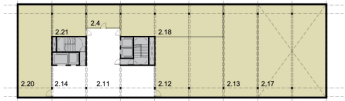
Estaremos assim num espaço em que as paradas se tornam numa espécie de "Plaza Mayor" e vice versa.



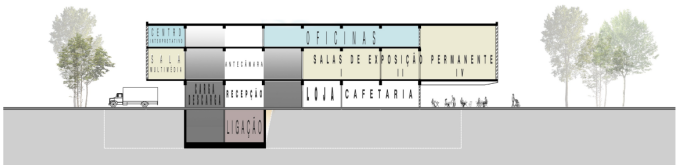
PLANTA 2 EDIFÍCIO 2 _ 1:400



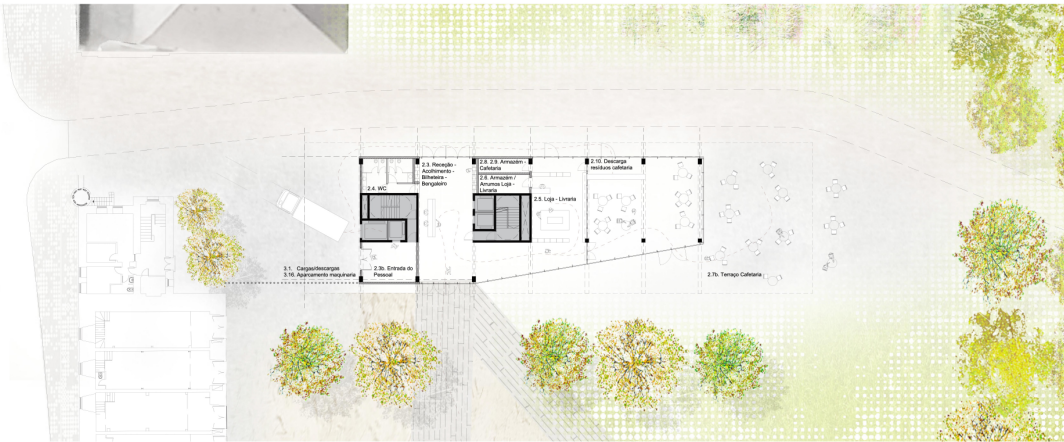
SECÇÃO TRANSVERSAL EDIFÍCIO 2 _ 1:400



PLANTA 1 EDIFÍCIO 2 _ 1:400



SECÇÃO LONGITUDINAL EDIFÍCIO 2 _ 1:400



PLANTA BAIXA EDIFÍCIO 2 _ 1:200

Assessoria técnica:



Promotor:

